

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

Caio César Gomes Zóia
Pedro Ricardo de Camargo Monteiro

A DELÍCIA DE SER O QUE É

Identidade sexual e Identidade de gênero. Um perfil das vivências identitárias mais populares
na nossa sociedade.

Juiz de Fora
Março de 2016

Caio César Gomes Zóia
Pedro Ricardo de Camargo Monteiro

A DELÍCIA DE SER O QUE É

Identidade sexual e Identidade de gênero. Um perfil das vivências identitárias mais populares na nossa sociedade.

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado
como requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Comunicação Social na
Faculdade de Comunicação Social da UFJF

·
Orientadora: Profa. Ms. Mariana Ferraz Musse

Juiz de Fora
Março de 2016

RESUMO

Esse trabalho experimental de caráter documental é um relatório do processo de produção do documentário *A delícia de ser o que é*. O estudo discorre sobre a existência de uma multiplicidade de gêneros possíveis, a reação de cada sujeito com as suas descobertas e a influência do meio social na construção dessas identidades. No *A delícia de ser o que é*, cinco personagens representam cinco gêneros distintos em nomenclatura, comportamento, aparência, mas que juntos constroem uma narrativa que, em diversos momentos, se aproxima. A partir dos relatos, os personagens criam um retrato de suas relações com a sociedade e as imposições enfrentadas desde crianças. Relatam como foi crescer com a heteronormatividade tendo força de opressão em suas próprias casas. Mesmo com toda a repressão que já viveram, nossos personagens acreditam na construção de uma sociedade igualitária. Além das entrevistas, todo o processo de criação também é abordado em nosso memorial descritivo, desde a pesquisa sobre o tema, o momento de pré-produção, a escolha dos personagens, das locações, das cenas e da pós-produção.

Palavras-chave: Documentário. Identidade, Sexual, Gênero, Social.

LISTA DE IMAGENS

Figura – 1 – Encaminhamento a rede de proteção dos direitos humanos

Figura – 2 – Violência contra o público GLBT

Figura – 3 – Encaminhamento das denúncias

Figura – 4 Entrevista com Lucy Dela Poe no parque Halfeld

Figura – 5 Entrevista com Mc Xuxu na Praça Antônio Carlos

Figura – 6 Entrevista com Júber Pacífico na UFJF

Figura – 7 Entrevista com Bruna Leonardo na UFJF

Figura – 8 - Entrevista com Gustavo Ruggeri no Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 IDENTIDADE DE GÊNERO E SEXUAL.....	09
2.1 EXPERIÊNCIA IDENTITÁRIA	13
2.1.1 Movimentos Queer.....	15
2.2 HOMOSSEXUALIDADE.....	16
2.2.1 VIOLÊNCIA CONTRA O PÚBLICO LGBT.....	18
2.3 TRANSEXUALIDADE	22
2.3.1 PROJETO DE LEI JOÃO NERY.....	29
2.4 TRAVESTILIDADE.....	31
3 DOCUMENTÁRIO.....	34
3.1 DISCUSSÕES SOBRE O DOCUMENTÁRIO	34
3.1.1 O documentário segundo Nichols.....	37
4 DISCUSSÃO DE GÊNERO E EDUCAÇÃO NO DOCUMENTÁRIO.....	39
4.1 O DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO E A EDUCAÇÃO.....	39
4.1.1 O Documentário brasileiro e o gênero	43
4.1.2 <i>Por que usamos o documentário de modelo participativo.....</i>	<i>45</i>
5 RELATÓRIO DE FILMAGEM.....	47
5.1 PRÉ-PRODUÇÃO	47
5.1.1 Apresentação dos personagens.....	48
5.2 PRODUÇÃO.....	49
5.2.1 ESCOLHA DOS LOCAIS DE GRAVAÇÃO	51
5.2.2 Equipamentos utilizados e planilhas de organização	53
5.2.3 <i>Gravação das entrevistas</i>	<i>54</i>
5.3 PÓS-PRODUÇÃO	55

6 CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS57

7 REFERÊNCIAS58

1 INTRODUÇÃO

A proposta do trabalho experimental de caráter documental, *A delícia de ser o que é*, é mostrar parte da multiplicidade de vivências¹ existentes dentro do universo LGBTTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis e Interssexuais). Mesmo com uma população de mais de 18 milhões de brasileiros homossexuais², segundo levantamento realizado pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, ainda existe desinformação com relação a forma correta de se referir a essas pessoas, as suas condições sexuais e de gênero. Nosso trabalho propõe educar a parcela da sociedade que ainda comete esses equívocos, na tentativa de promover o conhecimento, que seria um dos primeiros passos para uma sociedade mais igualitária.

O documentário tem como desafio simplificar os termos que podem parecer confusos, já que parte deles apresentam semelhança gramatical, mas representam vivências identitárias bem distantes, como é o caso do transexual e transgênero, assim como apresenta o Dicionário Transgênero³. Nosso trabalho pretende também apresentar as características que constroem as outras vivências identitárias. Para isso, o material aborda, através dos relatos dos próprios personagens, a forma mais apropriada e respeitosa de se referir a cada indivíduo no exercício de sua identidade de gênero. O *A delícia de ser o que é* discute o tema de maneira sutil, expondo as diferenças dessas vivências que vão além do aspecto científico dessas definições, mas são criadas pelas escolhas, gostos e preferências.

Escolhemos o documentário para abordar essa temática devido a tradição desse modelo comunicacional em relação a questões sociais. O documentário em si tem como função evidenciar a vida pessoal e social dos nossos personagens. Através dele traçaremos um retrato da realidade de cada indivíduo, as histórias, as alegrias e os problemas, na tentativa de encontrar uma narrativa não apelativa. Para apresentar esse universo ao público selecionamos personagens conhecidos na cidade de Juiz de Fora, seja pela militância ou por estarem inseridos no cenário artístico, com a intenção de retratar suas particularidades, gostos, personalidade e principalmente ideias a respeito da identidade de gênero, sexualidade, sociedade e outros assuntos.

¹ Usaremos o termo vivências e experiências identitárias para nos referir aos personagens no exercício de suas identidade de gênero. Esses termos foram adotados devido a demanda dos próprios personagens do documentário.

² Disponível em: <http://espaco-vital.jusbrasil.com.br/noticias/145829/estimativa-aponta-que-numero-de-brasileiros-homossexuais-ja-chega-a-17-9-milhoes> Acesso dia 27 de outubro de 2015

³ O Dicionário Transgênero foi criado pela psicanalista Letícia Lanz, com o intuito de tirar as dúvidas, fortalecer os conceitos e evitar o obscurantismo.

No *A delícia de ser o que é* entrevistamos cinco personagens: *A drag queen*, o gay, o transgênero, a transexual e a travesti. Em nosso memorial descritivo destinamos a parte inicial para retratar as questões relacionadas a identidade de gênero e as experiências identitárias relacionadas a esses gêneros, assim como adentramos nos termos para criarmos um material educativo, embasados em pesquisas de gênero de estudiosos ao longo da história. Diversos quesitos foram levados em consideração para a escolha dos personagens. Pela questão da visibilidade social escolhemos o personagem gay. Por conta da complexidade e da dúvida que ocasiona na maioria do público, já que comumente as pessoas confundem um gênero com o outro, selecionamos a transexual e o transgênero. A travesti escolhemos por pertencer a um grupo próprio de gênero, uma personagem que flutua entre o universo masculino e feminino. Por último, escolhemos a *drag queen* por conta do caráter performático e também devido a popularização que essa identidade de gênero alcançou no mundo após um reality show⁴ norte americano.

A segunda parte do nosso memorial descritivo narra todo o processo de criação do documentário. Desde um levantamento histórico sobre a história desse modelo comunicacional, os principais fatores responsáveis pela escolha desse modelo e um relatório de filmagem que narra com os processos que adotamos durante as filmagens. As entrevistas foram divididas em temáticas que conduziram os personagens a um relato cronológico de suas vivências, desde a descoberta de seus gêneros, ainda na infância, até a gravação de uma mensagem, no fim do documentário, para o Eu do futuro. Confidenciaram desejos, mensagens de incentivo e apoio para eles próprios, para que vejam essa mensagem no futuro. No início das entrevistas, os personagens foram incentivados a traçarem um autorretrato, os depoimentos, de uma forma geral, falam sobre personagens que se orgulham de suas identidades, que apresentam personalidades fortes e diversas, além de relatarem como a sexualidade e o gênero apresentam influência sobre suas decisões e comportamentos ao longo de suas vidas. A relação com a família foi questionada, assim como o contato com a sociedade. Nesse momento nossos personagens contam histórias que os marcaram, tanto positivamente como negativamente. Refletiram sobre a influência da sociedade na imposição de gênero e quais caminhos devem ser percorridos para alcançarmos uma sociedade igualitária. No fim das entrevistas eles confidenciaram seus medos e sonhos, deixando transparecer as emoções da mesma forma com que expõem seus rostos, suas bandeiras e suas vivências de gênero.

⁴ *RuPaul's Drag Race* é um reality show norte americano, realizado pela produtora World of Wonder e exibido pelo canal Logo.

2 IDENTIDADE DE GÊNERO E SEXUAL

Pode ser simples perceber a diferença entre as pessoas pelas suas características físicas, habilidades profissionais ou esportivas, classe econômica e outros diversos fatores sociais, porém esses elementos traçam um perfil menos aprofundado sobre cada indivíduo. Quando discutimos questões sexuais, descobrimos toda a complexidade que um único sujeito pode carregar dentro de si.

Esse mesmo sujeito pode pertencer à parcela dominante da sociedade, a heterossexual, cis⁵, ou se desviar das normas ditadas por esse grupo e, geralmente, ser considerado inferior, estranho. Essa relação de poder, referente às condições sexuais, presentes em nossa sociedade, foi descrito por Adelman (2000), em seu artigo publicado na edição quatorze da *Revista de Sociologia e Política*, intitulado *Paradoxos da identidade: A política da orientação sexual no séc. XX*. Em seu artigo, Adelman problematiza as questões sociais referentes ao surgimento das identidades sexuais modernas.

Uso aqui o termo poder no sentido da dominação exercida (e/ou o potencial historicamente adquirido para exercê-la) por grupos vinculados à preservação da ordem social existente e os privilégios que eles mantêm dentro desta. Trata-se de um poder arraigado nas instituições sociais que incluem mas não se limitam ao Estado, e de relações de poder que se manifestam e geram resistência em diversos espaços institucionais assim como no cotidiano. Considero que a sociedade moderna caracteriza-se por uma forma histórica de relações de poder baseada na imbricação de hierarquias de classe, raça e gênero, que à sua vez forjam determinadas formas de organizar a sexualidade, que incorporam tanto hierarquias de gênero quanto padrões burgueses de organização familiar. Existe já uma ampla literatura foucaultiana e feminista que aprofunda essas questões. (ADELMAN, 2000, p.164)

As definições que foram criadas e que ainda são reproduzidas diariamente, pelo fato de estarem inseridas nos costumes de grande parte da população, excluem os indivíduos considerados “desviados”⁶ e os coloca na mira do preconceito e da ignorância. Freud critica os hábitos da sociedade no início do século XX, em relação a questões sexuais, hábitos que ainda hoje são reproduzidos.

5

Cis em latim que dizer “deste lado”. Todo indivíduo possui duas forma de enquadramento dentro dessa definição: O que mantém conformidade entre o sexo de nascimento e o que mantém conformidade com o gênero, relacionado ao sexo de nascimento. O mesmo indivíduo não necessariamente apresenta as duas conformidades. Disponível em: <http://transfeminismo.com/o-que-e-cissexismo/> Acesso dia 19 de fevereiro de 2016

6

Usaremos esse termo para nos referir aos indivíduos que seguem em desalinho com o que é imposto pela sociedade, embasados na teoria de Freud.

A sociedade não crê em ameaça maior à sua cultura do que aquela que viria da libertação dos instintos sexuais e do retorno destes a suas metas originais. Ela não gosta, portanto, de ser lembrada dessa parte delicada de seus fundamentos, não tem interesse nenhum em que seja reconhecida a força dos instintos sexuais [...] A divergência precisa ser traduzida em termos intelectuais, se há de ser expressa. é da natureza humana, porém, que as pessoas tendam a considerar incorreto aquilo de que não gostam, e então se torna fácil achar argumentos contrários. A sociedade, portanto, transforma o desagradável em incorreto, contesta as verdades da psicanálise com argumentos lógicos e factuais, mas oriundos de fontes afetivas, e ante toda e qualquer tentativa de refutação, apega-se a críticas que são preconceções. (FREUD, 2014, p.57)

Essas questões de divergência entre os indivíduos estão relacionadas, principalmente, à identidade de gênero. O gênero não é definido apenas pelo sexo biológico, mas por um compilado de fatores sociais e pela orientação sexual, formando assim uma tríade, sexo biológico, orientação sexual e identidade de gênero. Muitos acreditam que o sujeito se difere do outro exclusivamente por questões cromossômicas. Essa característica, que leva em consideração o sexo biológico dos indivíduos, é responsável apenas por apresentar as diferenças físicas existentes entre os homens e as mulheres. Porém, esse fator, isolado, não é suficiente para definir a identidade de gênero de uma pessoa.

Jesus (2012) limita o sexo apenas ao fator biológico, homens possuem espermatozoides como células reprodutoras e as mulheres possuem os óvulos. Porém, a questão de gênero vai muito além das genitálias ou células reprodutoras, elas são definidas através da forma com que o indivíduo se percebe na sociedade, a forma com que ele se expressa socialmente e recebe as influências do espaço onde vive.

O segundo fator da tríade sexo está relacionado a orientação sexual. Esse elemento define as tendências sexuais e afetivas que acontecem entre os indivíduos. A identidade sexual não se limita a heterossexualidade, nem mesmo a homossexualidade, pois existem sujeitos que sentem atração por ambos os sexos, os bissexuais, ou até mesmo por nenhum deles, os assexuados. O surgimento da categoria bissexual acarretou um questionamento sobre a dualidade sexual existente, o hétero e o gay, e afirmou a amplitude e fluidez que a identidade sexual apresenta.

Se, como suspeito, a bissexualidade não é somente outra orientação sexual, e sim uma sexualidade que desfaz a orientação sexual como categoria, uma sexualidade que ameaça e questiona a fácil dualidade de hetero e gay [...] e mesmo, através de seus significados biológicos e fisiológicos, as categorias de masculino e feminino, então a busca de significado para a palavra “bissexual” oferece uma lição diferente. Em vez de dar nome a uma minoria invisível, mal percebida, que agora encontra seu lugar ao sol, a categoria “bissexual” passa a estar, como os próprios bissexuais, em todo lugar e em lugar nenhum. Resumindo, não existe um “realmente”. A questão de saber se alguém era “realmente” hetero ou “realmente” gay deixa de reconhecer a natureza da sexualidade, que é fluída, não fixa, ainda que complexa. A descoberta

erótica da bissexualidade é o fato de ela revelar que a sexualidade é um processo de crescimento, transformação e surpresa, e não um estado conhecível e estável". (GARBER, 1997, p. 14)

O último e mais complexo elemento é a identidade de gênero. Jesus (2010) afirma que gênero é fundado no contato sociocultural que uma pessoa recebe ao longo da vida. Para a autora, esses valores são impostos desde a infância, onde meninos e meninas devem apresentar condutas divergentes, comportamentos sociais relacionados ao sexo que categorizam o masculino e o feminino, permitindo poucas variações no comportamento padrão.

Para possibilitar o estudo de identidades do indivíduo, entender suas condições e comportamentos, é preciso analisar as relações sociais que permeiam a vida de cada sujeito. Elas acontecem desde o nascimento, já no primeiro contato com a figura materna. A partir desse momento começa a construção da história de cada pessoa. "Quando o médico diz "é menina" ou "é menino", essa interpelação não é só performativa, mas cria-se todo um conjunto de expectativas e um futuro que serão inscritos nesse corpo. (BENTO, 2006, p.74).

A distinção entre os sexos é concebida através de uma trama cultural onde, logo na infância, as crianças desenvolveriam sua aprendizagem através da identificação e cópia das atitudes reproduzidas pelas pessoas mais velhas. Não são os meninos que optam pelas armas, soldados, carros, e as meninas, utensílios domésticos, bonecas e maquiagem, são os adultos que trazem tais presentes e as educam a brincar assim.

Desde então o gênero está em formação. As imposições que acontecem a partir da menor idade, mesmo as mais sutis como a definição das cores azul para os meninos e rosa para as meninas, contribuem para limitar o indivíduo aos gêneros aceitáveis por um grupo majoritário da sociedade, o heteronormativo. Isso prova que as questões de gênero vão além do sexo, que é elemento biológico, ele é definido pelo convívio social. De acordo com Jesus "O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto-percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente". (JESUS, 2010, p.8)

Dessa forma, toda a relação que o indivíduo mantém em sua vida será responsável por oferecer elementos que contribuirão para a formação do seu gênero, sendo ela positiva ou não. Sell (1987) traça como esse contato define e tende a ser limitante.

O indivíduo é recebido e rejeitado de múltiplas formas em múltiplas vezes. Há os limites de cada um (do grupo), as idiosincrasias, as semelhanças e também as diferenças. Daí surgem as normas para nortear as relações sociais. [...] A

sociedade estabelece normas para o organismo individual. Através da socialização, o indivíduo incorpora modelos aceitos pelo seu contexto social. E, quando chegar a raciocinar sobre sua socialização, ela já estará incorporada em sua forma de perceber o mundo, modelando suas opiniões e atitudes. Porque a socialização não é um processo consciente. Mas é em grande parte emocional. Daí sua força. Enquanto o indivíduo recém-nascido é atendido em suas necessidades de sobrevivência, também recebe o modelo adequado de ser. E a forma de ser não é mostrada a ele como uma das possíveis formas, mas como “a” forma de ser. (SELL, 1987, p. 22- 23)

Porém, não são todas as culturas que se baseiam nos modelos de relações de poder entre o homem e a mulher. Bassit e Sonenreich (1980) apresentam no livro *Sexualidade e repressão sexual*, um compilado de estudos antropológicos que retrataram o comportamento de diversas tribos e comunidades, em diferentes momentos históricos, e suas relações com a sexualidade e o gênero. Em tribos da Nova Guiné, por exemplo, atitudes que são consideradas femininas para a nossa cultura, como a passividade, o cuidado com os filhos e a vaidade, são atributos dos membros masculinos. Para os apaches, o comportamento maternal é compartilhado tanto entre o homem como entre a mulher. Já entre os Mundongomores o posicionamento rígido é uma característica dos dois sexos. Entre os Chambuis a mulher que assume o papel agressivo na relação sexual, já os homens são sensíveis, emotivos e graciosos, dedicam seu tempo a arte e dança.

Tomando como exemplo essas divergências, tornam-se contestáveis as imposições que nossa cultura apresenta para taxar o sexo psicológico referente e estrito apenas às características do sexo biológico. Preciado (2010) critica a sociedade heterossexual que divide o corpo em zonas erógenas, que utiliza as relações ou órgãos para produzir a diferença gênero/sexo, onde apenas o sexo é responsável por definir toda a complexidade dos corpos. Nesse caso, um corpo que não possui um fluxo definido, ou aceitável, é considerado um corpo estranho, anormal. Dessa forma, nossa sociedade define os corpos em hétero-partidos, demarcando as diferenças, as práticas e os papéis sexuais, definindo o que é permitido e considerado normal. Já o gênero, para essa sociedade, foi criado com o intuito de limitar toda a multiplicidade dos corpos em feminino e masculino.

Quanto mais o indivíduo se difere dos padrões impostos, maior será a dificuldade de aceitação, tanto pessoal quanto social. Assim como Preciado, Sell também critica a sociedade que limita o indivíduo em uma única forma de expressar sua sexualidade.

A sexualidade é percebida como oprimida e rejeitada ou super-valorizada. Nela encontram-se padrões normativos que se distinguem, separam, escolhem ou rejeitam atitudes. Nela se encontra a dicotomia entre o bom e o mau, o certo e o errado, o normal e o anormal. Nossa cultura apresenta claramente esta dicotomia em duas

formas de expressão sexual. A hetero e a homossexualidade. A primeira normal e a segunda como exercício anormal ou pervertido da sexualidade. (SELL, 1987, p.26)

Contrário a todas as imposições, a personalidade sexual acontece de uma forma natural e, por isso mesmo, deveria ser incontestável. Com os avanços do acesso a informação em relação a questões de gênero, das discussões e uma conseqüente mudança nos hábitos de imposição da comunidade dominante em relação às “minorias”, esse modelo de construção de gênero, que hoje é engessado, poderia tornar-se mais flexível e inclusivo para as pessoas que se sentem deslocadas.

2.1 EXPERIÊNCIA IDENTITÁRIA

No tópico anterior apresentamos a definição de gênero e a influência da sociedade na construção dessa categoria. Definido gênero, precisamos esclarecer as variações existentes dentro dessa categoria, as que abordamos em nosso documentário. Preciado (2010), em entrevista publicada pelo jornal *El País* em 2010⁷, expressou toda a amplitude existente dentro da sexualidade e, devido a isso, como as formas de expressão tanto sexuais, quanto de comportamento, podem ser plásticas e se transformarem a medida que o indivíduo adquire experiência de vida. “[...] a sexualidade, que é, de forma mais ampla, a subjetividade, e na qual entram a identidade de gênero e a orientação sexual, os modos de desejar, os modos de obter prazer são plásticos”. (PRECIADO, 2010)

Na categoria dos/das Transgêneros estão inclusas as transexuais e as travestis. A transexualidade está relacionada a identidade de gênero. Diferente do que foi taxado durante a história, essa não é uma questão de problemas mentais ou perversão sexual, mas sim a forma com que elas identificam seus corpos em relação ao psicológico.

Tendo como conhecimento a questão de identidade para definir a transexualidade, outro mito é derrubado. Para um indivíduo classificar-se nessa categoria ele não precisa necessariamente passar por um procedimento cirúrgico, ao contrário do que muitos pensam. A definição apresentada por Jesus (2012) simplifica esse termo. “Mulher transgênero é toda

7

Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/33425-a-sexualidade-e-como-as-linguas-todos-podem-aprender-varias-afirma-icone-do-movimento-transgenero> Acesso dia 23 de janeiro de 2016

pessoa que reivindica o reconhecimento como mulher. O mesmo acontece com o homem transgênero, que é a pessoa que reivindica o reconhecimento como homem”(JESUS, 2012, p.15) . Dessa forma podemos desmistificar os tabus que envolvem o termo, tratando as pessoas que vivem essa condição de uma forma natural.

Os/as transgêneros sentem que o corpo que possuem não correspondem à forma como pensam ou se sentem. Eles/elas veem nas modificações corporais, seja com tratamentos hormonais ou procedimentos cirúrgicos, a possibilidade de adequarem o corpo ao estado psíquico. Quando um indivíduo se submete a troca de sexo passa a ser considerado transexual.

As travestis podem também realizar mudanças parciais no corpo, mas não mudam de sexo. Elas não se identificam como homens, mas também não se veem como mulheres, apesar de assumirem a imagem feminina, se encaixando assim a um terceiro grupo.

A *Drag Queen*, ou como nomeada antigamente, transformista, é um artista que geralmente apresenta a feminilidade de forma estereotipada. Elas vivem a inversão de gênero como espetáculo, não trazem suas vestes e maquiagens para o cotidiano, não fazem dessa imagem sua identidade. Mas em contrapartida, elas desafiam a composição engessada do conceito de gênero, de corpo, de subjetividade, através da sua forma de vestir, de se portar e pensar. Não são homens e nem mulheres durante sua transformação, elas simplesmente transitam entre os gêneros, usando como ponte de transição, a arte.

Nosso último personagem é o gay. O homem que apresenta traços e comportamentos masculinos e se relaciona com outros homens. Mesmo existindo a variação na masculinidade dos indivíduos, o gay não realizaria mudanças corporais para se assemelhar a uma mulher.

O personagem gay é popular devido às abordagens em novelas, seriados e até mesmo documentários, porém as outras experiências identitárias ainda são pouco retratadas. Mesmo que a participação desses personagens na mídia tenha aumentado recentemente, como é o caso da série criada pelo *Netflix*, *Sense8*, que traz uma personagem transexual, ou o reality show *RuPaul's Drag Race* que é uma disputa entre *drag queens*, os programas não discutem os termos em um viés esclarecedor.

2.1.1 MOVIMENTOS QUEER

É na infância o período que os “desviados” mais sofrem preconceito. Mesmo com todas as diferenças identitárias que os sujeitos podem carregar consigo, nessa questão eles apresentam experiências em comum. Acostumados a causar tencionamentos pelo simples fato de serem diferentes, todos os meninos que traziam traços mais delicados e femininos eram taxados e sofriam preconceito em diversos momentos. Essas ofensas acontecem em uma fase menos preparada para receber violência e questionamentos, a infância. Esse é um momento difícil, pois diversos garotos sentem vergonha de contar aos seus pais as agressões e por isso convivem com as afrontas em silêncio.

Atualmente essas palavras de agressão ganharam outras conotações. Na década de 80, ativistas do grupo *Act Up, Radical Furies e Lesbian Avengers* se apoderaram dessas injúrias e as transformaram em potência de intervenção e crítica social. “o que havia mudado era o sujeito da enunciação: já não era o senhor hétero que chamava o outro de “bicha”, agora o gay, a lésbica e o trans que se autodenominavam *Queer*, anunciando uma ruptura intencional com a norma” relata Preciado para o site *Las Disidentes* (2012)⁸. Em inglês, *queer* é uma ofensa destinada a todos que colocam em voga as normas sociais. A prostituta, o bandido, o bêbado e também os desviantes da heteronormatividade. Para o português a palavra pode ser traduzida como o que é estranho, curioso, peculiar, bizarro, artificial.

Dessa forma o movimento queer afirma que o estranho tem força política, surgida a partir da opressão que esses corpos são submetidos constantemente. Os *Queer* não se fixaram exclusivamente aos homossexuais gays e lésbicas, mas ganharam força para apoiar tudo o que foge das normas sociais. Para fazer parte desse movimento é necessário ir além do preconceito sofrido, algum tipo de chacota ou agressão, mas principalmente questionar sua própria identidade em relação aos modelos prontos, as imposições, o politicamente correto.

O movimento *Queer* traz consigo a necessidade de uma contra-sexualidade, o desejo de subverter uma ordem sexual preestabelecida. Através do questionamento da existência limitante do homem e da mulher, os *Queers* apresentam os indivíduos como corpos falantes, corpos que naturalmente possuem potencial para sexualidades múltiplas, assim como

8

Disponível em: <http://lasdisidentes.com/2012/08/21/queer-historia-de-una-palabra-por-beatriz-preciado/> Acesso dia 27 de janeiro de 2016. Tradução livre: ““Lo que había cambiado era el sujeto de la enunciación: ya no era el señorito hetero el que llamaba al otro “maricón”; ahora el marica, la bollera y el trans se autodenominaban “queer” anunciando una ruptura intencional con la norma”

suas formas de comportar e de agir, e que esses sujeitos se reconhecem entre si, vão além das dicotomias homossexual/heterossexual, masculino/feminino.

Nossos personagens se enquadram nesse movimento, pois questionam a sociedade em sua coragem de assumir as suas próprias identidade e desejos. Mesmo cientes do desvio do “normal”, a preocupação com a satisfação de suas vontades, em detrimento do que é padrão e aceitável, é prioridade. Dessa forma, com militância, discursos e luta, cada um cumpre o seu papel na construção de uma comunidade igualitária.

2.2 HOMOSSEXUALIDADE

A homossexualidade já foi considerada doença, para a medicina, também já foi considerada perversão, para a igreja, ou mesmo anormalidade, para a sociedade. Todas essas definições foram, e são, rebatidas por pesquisadores, mas a certeza sobre essa expressão sexual ainda cria conflito, dúvidas e levanta polêmica. O coitado já nasce assim? Seria uma preferência? Isso pega? Afinal de contas, o que seria a homossexualidade?

Essa pergunta tem como pressuposto que a homossexualidade é alguma coisa. O problema é que a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Assim ela é uma coisa na Grécia Antiga, outra coisa na Europa no final do século XIX, outra coisa ainda entre os índios Guaiáqui do Paraguai. Com esse mesmo raciocínio, a homossexualidade pode ser uma coisa para o camponês do Mato Grosso, outra coisa para um candidato a governador do Estado de São Paulo em 1982 e, de fato, tantas coisas quanto os diversos seguimentos sociais da sociedade brasileira contemporânea. (FRY,MACRAE, 1985, p.7)

Durante muitos anos a homossexualidade foi considerada uma patologia denominada homossexualismo. Para diversos pesquisadores esse era um distúrbio que necessitava do uso de intervenções médicas para conquistar a cura. Para Kinsey (1965) , que estudou alguns comportamentos que eram considerados antinaturais, como perversão e homossexualidade, não existe patologia alguma em relação a homossexualidade. Segundo Kinsey, essas atitudes deveriam ser consideradas normais, levando-se em conta a pluralidade da sexualidade humana. Esses comportamentos seriam taxados como anormais, em uma quase totalidade, por conta das normas sociais estabelecidas ou por conta das tradições culturais.

Marc Oraison, era um padre, médico-cirurgião e psicanalista que chocou a sociedade em sua época após afirmar a inexistência da homossexualidade. Segundo Oraison

(1975), o que existe são seres humanos que sentem atrações sexuais ou emoções por sujeitos do mesmo sexo, e que isso aconteceria a partir do momento em que se atingisse uma consciência sexual. Oraison, assim como Kinsey, não refere-se a homossexualidade como uma doença, no sentido literal do termo: “algo que lhe cai em cima em um certo momento e o que o torna inapto a viver temporariamente, ou a longo prazo, ou para o resto da existência”(ORAISON, 1975, p.9) .

Levando em consideração o natural e sua equivalência ao sadio, Bassit e Sonenreich (1980) apresentam algumas constatações de zoopsicologistas em relação a homossexualidade. Para os zoopsicologistas, os animais não são “culturalizados” e expressariam, dessa forma, comportamentos naturais. Os estudos de Jannièrè, em 1942, que analisaram 409 macacos da espécie *Rhesus*, em uma ilha de Santiago, Porto Rico, estabeleceram a versatilidade como umas das principais vertentes sexuais, incluindo masturbação, incesto e homossexualidade.

Os levantamentos realizados por Denniston, 1965, afirma que as relações homossexuais não são uma exclusividade da prática humana, elas são encontradas em diversas espécies de animais estudadas, como peixes, sapos, pássaros, lagartos, golfinhos, macacos, tanto entre os machos quanto entre as fêmeas. Hite também afirma a constatação homossexual em coelhos, chinchilas, esquilos, cachorros, furões, gado, babuínos, porcos-espinhos, ratos, elefantes e diversos outros.

A homossexualidade também, está ou esteve, presente em diversos rituais de sociedades espelhadas por todo o globo, como aponta a compilação realizada por Bassit e Sonenreich (1980). Nas ilhas Novas Hebridas, por exemplo, a homossexualidade faz parte dos ritos de iniciação. Nesse ritual, exclusivamente, ela é responsável pela ligação espiritual entre os vivos e os mortos na linhagem masculina. Na Nova Guiné, na população kiwai, ocorre a sodomia dos jovens para que eles se tornem mais fortes. Em outras culturas, os jovens recebem o “suco da masculinidade” após se submeterem sexualmente aos mais velhos.

A compilação realizada por Bassit e Sonenreich (1980) apresenta culturas onde a relação sexual homossexual era a prática dominante, como ocorria entre os Amaraeri do Peru. As Relações heterossexuais aconteciam pouquíssimas vezes por ano, sendo restritas apenas aos cerimoniais. No pacífico sul-ocidental, quase todos os homens praticam sexo entre si, durante certa época de suas vidas. Essas relações aconteciam como substitutas ao coito heterossexual.

Bassit e Sonenreich (1980) apresenta a homossexualidade no continente africano. Na África era normal que os homens se submetessem a relações homossexuais em um certo

período anterior aos casamentos. No norte da África, entre os Siwas, praticamente todos os homens praticavam relações sexuais entre si. Anormais eram aqueles que se negavam à essa prática. Era de costume que os homens mais velhos emprestassem seus filhos uns para os outros e que se reunissem para contar de suas aventuras homossexuais, da mesma forma com que discutiam suas relações com as mulheres.

Entre o povo Kerakis, existem os rituais de iniciação onde cada jovem é iniciado pelos homens mais velhos no coito anal. Esses rapazes são submetidos à iniciação durante um ano, depois de completarem esse período representando o papel passivo, eles passam o restante de suas vidas de solteiro iniciando outros jovens.

Em passagens históricas há relatos de relações sexuais mantidas por imposições hierárquicas, como no Peru, 1850, onde os chefes tribais recebiam rapazes para satisfazerem seus desejos. O mesmo acontecia nos Alasca e entre os índios mexicanos. Foi registrado até mesmo a criação de um harém masculino, na província meridional japonesa de Kyusba.

2.2.1 VIOLÊNCIA CONTRA O PÚBLICO LGBT

Mesmo com as pesquisas que retratem outras culturas, onde a sexualidade homossexual está intrínseca em diversos rituais, os avanços médicos que tiraram a homossexualidade do cenário de patologia ou os estudos de pensadores que combatem a ideia de superioridade uma sociedade heterossexual, afirmando todas as exclusões que esse modelo acarreta, a comunidade “desviante” lutou, e ainda luta, pelo direito de expressão sexual e de gênero.

Na década de 1970 a parcela reprimida pela sociedade começou a reivindicar seus direitos e combater as investidas que recebiam por conta de sua sexualidade. Em 1978 surgiram dois defensores da comunidade LGBT no Brasil, a revista *O Lâmpião da Esquina*⁹ e o grupo *Somos*¹⁰. Ambos deram início a luta política gay no país (MAC,1990). O nascimento desses movimentos sociais foi fundamental para que as comunidades reprimidas ganhassem

9

O Lâmpião da esquina foi um jornal criado por jornalistas homossexuais brasileiros e circulou durante os anos de 1978 e 1981.

10

O *Somos: Grupo de Afirmação Homossexual*, criado em 1978, ou *Somos*, como ficou conhecido na época, é considerado o primeiro grupo brasileiro em defesa da comunidade LGBT no Brasil.

espaço e contribuíssem para a formação de uma sociedade mais democrática, como afirma Castells (2010).

O florescimento de movimentos sociais e culturais – feminismo, ambientalismo, defesa dos direitos humanos, das liberdades sexuais etc. [...] tiveram um importante papel na conformação da sociedade atual, reagindo de múltiplas formas contra o uso arbitrário da autoridade, se revoltaram contra a injustiça e procuravam a liberdade necessária para a experimentação social. Em sua luta, questionaram as bases profundas da sociedade e rejeitaram os valores estabelecidos, prepararam o cenário para uma ruptura fundamental na sociedade. (CASTELLS, 1996, apud GOHN, 2010, p.89)

Com o aumento da luta da comunidade LGBT pelos seus direitos, outro fator preocupante veio à tona, a violência sofrida pelos homossexuais, a homofobia. Agora, pautada nos meios de comunicação, a violência assusta e alarma toda a comunidade LGBT, além de mostrar a periculosidade de ser homossexual no Brasil. O relatório sobre violência homofóbica¹¹ apresenta uma definição para a homofobia:

A homofobia possui um caráter multifacetado, que abrange muito mais do que as violências tipificadas pelo código penal. Ela não se reduz à rejeição irracional ou ódio em relação aos homossexuais, pois também é uma manifestação arbitrária que qualifica o outro como contrário, inferior ou anormal. Devido à sua diferença, esse outro é alijado de sua humanidade, dignidade e personalidade. (BRASIL, 2012, p.10)

O levantamento feito pelo relatório comparava os números das denúncias registradas pelo poder público, em 2012, com relação ao ano anterior. Foram mais de três mil casos, registrando um aumento de 166,09%. De acordo com o levantamento, foram mais de 27 casos de violação dos direitos humanos de caráter homofóbico registrados por dia no país naquele ano. Em uma sociedade machista, qualquer indício de feminilidade apresentada no homem pode ser motivo de humilhações e agressões, mesmo que o indivíduo se defina como heterossexual, como esclarece o relatório.

Vale também sublinhar que a violência homofóbica é cometida contra os indivíduos cuja orientação e/ou identidade de gênero presumidas não se conformam à heteronormatividade. Ou seja, são também recorrentes episódios contra sujeitos que, apesar de se autoidentificarem como heterossexuais, têm a eles atribuídas características que fazem com que os perpetradores das violências os classifiquem como LGBT. (BRASIL, 2012, p.11)

11

Esses dados reafirmam que políticas públicas para proteção aos homossexuais são necessárias. Por mais que a comunidade LGBT tenha conquistado espaço, que ela invada as ruas das cidades brasileiras durante as Paradas do Orgulho Gay e tenha representantes no meio político, a violência cometida no país é alarmante e o coloca em primeiro lugar no ranking mundial de violência contra o homossexual. Percebendo esse contexto, Beatriz Preciado, em entrevista publicada no jornal El País em 2010¹², define o cenário atual como uma cultura de guerra e defende o direito dos agredidos se revoltarem contra o sistema e também adquirirem suas próprias formas de agressão.

Existe violência dentro da homossexualidade, da transexualidade. Acredito que o próprio gênero é a violência, as normas de masculinidade e de feminilidade, tal como as conhecemos, produzem violência. Se mudássemos os modos de educação na infância, talvez modificaríamos o que chamamos de violência de gênero. Sempre pensamos que as meninas podem se defender e não agredir. Sejam honestos: em uma cultura da guerra, não equipar técnica e praticamente um conjunto da sociedade para ser capaz de ter acesso a técnicas de agressão quando for necessário é discriminatório. (PRECIADO, 2010)

A Secretaria de Direitos Humanos, juntamente com o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, lançaram em 2015, através da ouvidoria nacional dos direitos humanos, um balanço¹³ das denúncias de violações de direitos humanos, comparando com os números levantados em 2014. Esse órgão tem a função de receber, examinar e encaminhar denúncias e reclamações na tentativa de resolver as tensões e os conflitos sociais que envolvem a violação dos direitos humanos.

Com uma média de 376,7 denúncias por dia e 280,801 encaminhamentos aos órgãos da rede de proteção integral dos Direitos Humanos, a ouvidoria, através do número 100, recebe denúncias referente a 9 grupos de vítimas. Estão entre eles a violência contra a mulher, criança e adolescente, moradores de rua, LGBT, entre outros grupos.

¹²

Disponível em : <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/33425> Acesso dia 09 de fevereiro de 2016

¹³

Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/noticias/2016/janeiro/ApresentaoDisque100.pdf> Acesso dia 09 de fevereiro de 2016

GRUPO	2014	2015	AUMENTO OU RECUO
Criança e Adolescente	91.582	80.437	-12%
Pessoa Idosa	27.272	32.238	18%
Pessoa com Deficiência	8.636	9.656	12%
Pessoas em restrição de liberdade	4.053	3.564	-12%
Outros	1.799	6.360	253%
LGBT	1.024	1.983	94%
População em Situação de Rua	515	682	32%
Igualdade Racial	18	1064	5811%
Violência ou Discriminação contra Mulher	0	1532	1532%
Total	134.899	137.516	2%

Os estudos registraram um aumento de 94% na violência vivida pela comunidade LGBT em relação a 2014. Os números são alarmantes, porém, reduzidos em relação ao levantamento feito pelo poder público, em 2012. Isso se explica porque a ouvidoria registra apenas os casos que viraram denúncia. Grande parte dos casos de agressão e violência, tanto física quanto psicológica, ainda não são denunciados pelas vítimas.

O levantamento organizou as vítimas em relação ao sexo biológico, orientação sexual e identidade de gênero, raça e faixa etária. Com 62% dos casos de agressão, o sexo masculino lidera os levantamentos. 23% das vítimas são gays, 12% travestis, 9% transexuais, 10% lésbicas e 2% bissexuais. 47% das violações acontecem na faixa etária entre 18 e 30 anos e 58% dos agredidos se consideram pretos ou pardos. O relatório ainda tipifica as formas de violência sofrida, nesse quesito a discriminação e a violência física tiveram maior alta em relação ao ano anterior.

Disque 100 - Tipo de Violação mais recorrente de LGBT						
ANO	DISCRIMINAÇÃO	VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA	VIOLÊNCIA FÍSICA	NEGLIGÊNCIA	OUTRAS VIOLAÇÕES	Total
2014	40,32%	36,44%	13,25%	3,69%	6,30%	100%
2015	53,85%	26,42%	11,54%	2,77%	5,43%	100%
2014	864	781	284	79	135	2143
2015	1596	783	342	82	161	2964

A ouvidoria retratou ainda os encaminhamentos das denúncias aos órgãos responsáveis para tratar dos casos. Porém, é perceptível um baixo número de resposta a esses

encaminhamentos. Isso se explica pela ausência de um marco legal e uma lei que puna os crimes relacionados a identidade de gênero e orientação sexual. Dos mais de mil e setecentos casos encaminhados aos serviços correspondentes, apenas 7,4% foram respondidos.

Tipo de Serviço	Total Geral	Respondida	%
Centro de Referência (Combate à Homofobia e Assistência Social)	502	36	2,10%
Secretaria de Justiça e Direitos Humanos	502	16	0,94%
Defensoria Pública do Estado	210	40	2,34%
Delegacia de Polícia	275	17	0,99%
Ministério Público	156	18	1,05%
Comitê Estadual de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos LGBT	66	0	0,00%
Total Geral	1711	127	7,42%

No relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) em 2014, 44% dos assassinatos de homossexuais no mundo aconteceram no Brasil. O nosso trabalho tem como pretensão dar visibilidade a essas pessoas e mostrar como é possível tratar os “diferentes” de forma natural. Sendo mais audacioso, o documentário pretende ser um material de suporte ao combate a homofobia, dando sua contribuição para que no território nacional não goteje sangue homossexual a cada 28 horas.

2.3 TRANSEXUALIDADE

Dedicamos uma atenção especial à experiência identitária transexualidade e todas as implicações que envolvem os indivíduos que se encaixam nessa realidade. Abordar tal temática de forma minuciosa se faz necessário devido à complexidade dessa definição.

O termo “transexualismo” foi cunhado em 1949 e nomeou o conflito de identidade de gênero, o diferenciando da travestilidade e da homossexualidade. Em 1955, John Money cria as teses iniciais sobre gênero. Money (1955) apresentou pela primeira vez como a interferência social poderia moldar o gênero. Segundo o autor a identidade sexual e o gênero eram características mutáveis até os 18 meses de vida, elas dependeriam do contato social que os indivíduos fossem submetidos em sua fase inicial da vida.

Até então o assunto era pouco discutido e muitas vezes confundido com a disfunção genética que originaria o hermafroditismo, como ocorreu com o conhecido caso de Herculine Barbin. Porém surge o questionamento sobre a existência de uma experiência

transexual em outros momentos históricos que antecederam o marco do surgimento do termo transsexual.

Além da não identificação do corpo como extensão do psicológico, os/as transexuais enfrentam outro conflito que dificulta o processo de transexualização. A relação com o meio em que somos inseridos proporciona a criação do *habitus*. Esse elemento possui grande influência sobre a formação do gênero e nos é imposto desde o nascimento. Segundo Bourdieu (1983) “O *habitus* é a matriz geradora de sentidos. E, no caso dos gêneros, uma das matrizes que dará inteligibilidade e sentido será a heterossexualidade. É a partir dessa matriz que se justificam e se constroem corpos como entidades diferentes.” (BOURDIEU, 1983, p.63).

A criança recebe uma educação que força uma identificações com elementos condizentes ao seu sexo biológico. Dessa forma, a sociedade inicia um processo de treinamento para a fabricação de corpos-sexuais heterossexuais. A criança está cercada por essas informações de produção de gênero em todos os lugares, em casa, na escola, na igreja, nos hospitais, impossibilitando a criação de um gênero “desviante”, e assim, postergando o entendimento dos conflitos que sente.

Antes mesmo de perceberem a discordância existente em seus corpos, acontece a identificação estética com o gênero oposto, as roupas, os acessórios, as brincadeiras. Sem entenderem essa incompatibilidade, as crianças não pensam o gênero como algo relacionado ao sexo. Por conta disso as dúvidas não questionam o próprio corpo: “eu não posso usar calcinha porque tenho um pênis”, mas sim, “eu quero usar uma cueca, por que não posso?”. Dessa forma “ o que antecede os conflitos com as genitálias são aqueles com a própria construção das verdades para com os gêneros, efetivadas nas obrigações que os corpos paulatinamente devem assumir para que possam desempenhar com sucesso os desígnios do seu sexo” esclarece Bento. (BENTO, 2006, p.164)

O/a transexual, quando entende sua condição, vive uma relação conflituosa onde percebe que as imposições que recebeu durante sua educação são pertencentes a um gênero rejeitado, que não condiz com a forma com que se identificam. Quando percebem que não há reconhecimento entre o que vivenciam e o que lhes foi ensinado, os/as transexuais sentem-se forçados/as a adotarem costumes e práticas de um novo gênero.

Alguns teóricos consideram esse movimento de efeitos discursivos e corporais como “estereótipos de gênero”, porém preferimos seguir a definição apresentada por Butler, “paródias do gênero”.

Judith Butler (2003) expressa toda a performatividade contida no gênero, “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2003, p.59). Segundo Butler, o gênero é ocasionado pela ação: Os comportamentos só representam o masculino ou feminino se a sociedade o determinar de tal forma. Para Butler, tanto o gênero quanto a identidade são resultados de práticas discursivas.

O ato performático faz parte da elaboração dos códigos de gênero e dá origem aos significados do gênero. “ Os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos, não haveria gênero algum, pois não há nenhuma “essência” que o gênero expresse ou exteriorize, nem tampouco um ideal objetivo ao qual aspire e porque o gênero não é um dado de realidade”. (BUTLER, 2003, p.199).

Quando Bourdieu (1983) se refere à performances de gênero e toda a capacidade de atuação em que o sujeito interpreta as normas, ele afirma que os indivíduos possuem margens de interpretação e que isso permite a existência de espaços para a criação de contra-discursos, além de aberturas na concepção de gênero. A partir disso originaria o princípio das subjetividades.

Essa atuação permitiu que Beatriz Preciado criasse seu contra-discurso próprio. Durante duzentos e trinta e seis dias ela se aplicou testosterona, causando uma intoxicação voluntária de hormônios masculinos. Dessa forma ela assume total controle sobre o seu corpo e gênero, usando o próprio organismo como uma forma de resistência aos padrões predefinidos, uma subjetividade. “Meu gênero não pertence nem à minha família, nem ao Estado, nem à indústria farmacêutica. meu gênero não pertence nem sequer ao feminismo, nem à comunidade lésbica, nem tampouco à teoria *queer*.” (PRECIADO, 2008, p.284). Assim, qualquer intervenção corporal, seja ela hormonal ou física, além de modelar os corpos para se aproximarem cada vez mais dos modelos “verdadeiros”, servem também para criar novos modelos e montagens da natureza humana.

Os estudos de Butler (2003) sobre performatividade tiveram grandes influências das práticas de *drag queens* e suas paródias de gênero. Essas personagens contribuíram para os estudos por vivenciarem, mesmo que momentaneamente, um gênero distinto de suas anatomias, desmitificando todas as ideias de um gênero verdadeiro, afirmando a imposição de uma coerência obrigatória entre sexo, gênero e prática necessariamente heterossexuais.

Entre os/as transexuais não existe a possibilidade de transitar entre os gêneros, pois não seria suficiente para suprirem suas incompatibilidades psicológicas e físicas, por isso

eles/as reproduzem a paródia de gênero a partir do que acreditam ser o “homem verdadeiro” e a “mulher verdadeira”. A transexual feminina trará para o seu cotidiano a reprodução de atitudes que considera serem legítimas da mulher modelo, como feminilidade, bom comportamento e instinto materno, enquanto o transexual masculino reproduz comportamentos do modelo de homem admirado, como virilidade, força e masculinidade.

A “aparência de gênero”, do gênero como uma operação estética, que envolve uma pedagogia de escolhas de roupas, de cores, de expressões e palavras na fala, de determinados modos de agir, de sentir, de sentar, de comer, de gesticular, de mover as mãos, pela repetição de códigos de comportamento... modos de vida socialmente concebidos como “naturalmente” apropriados para cada gênero. (BENTO, 2006, p.164)

Como já dito, de forma resumida, os/as transexuais são indivíduos que não sentem identificação entre o corpo biológico e o psicológico. Adotando essa premissa básica como um dos principais fatores responsáveis pela transexualidade, pensamos em uma maneira mais adequada para se referir a esses personagens.

Uma das principais reivindicações dos/as transexuais é o reconhecimento social do sexo ao qual ele/ela se sente pertencente. A nomeação dada aos/as transexuais podem invalidar todos os processos de mudanças comportamentais e sexuais. Como apresenta Berenice Bento (2003), em seu livro *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. Bento apresenta que, ainda hoje, os profissionais da saúde, responsáveis pela avaliação de diversos candidatos/as a mudança de sexo e outras intervenções cirúrgicas, referem-se aos/as seus/as pacientes com o nome de registro ou pronomes pertencentes ao sexo de rejeição, causando grande constrangimento para os/as pacientes.

Usaremos o termo transexual feminino para nos referirmos ao indivíduo que mesmo não possuindo mudanças físicas parciais ou totais, se identifica com uma mulher. Usaremos o termo transexual masculino quando nos referimos aos personagens que reivindicam sua condição como homem, que se consideram homens, mesmo não tendo realizado nenhuma intervenção cirúrgica.

O livro de Berenice Bento é indispensável para quem deseja iniciar os estudos sobre transexualidade, já que a autora faz um levantamento histórico, apresenta teorias e as confronta com estudos de campo. O material é dividido basicamente em duas partes: os estudos sobre transexualidade e um diário de entrevistas em que a autora apresenta trechos das conversas realizadas durante o período de 3 anos, parte desse tempo no hospital de transexualidade de Goiás e o restante em grupos de transexuais espanhóis. A autora questiona,

através das entrevistas, teorias que conduzem o cenário científico da mudança de gênero. O que mais chama atenção é que esses estudos se baseiam em relatos de cientistas, pesquisadores e antropólogos do século passado. Como é o caso de Stoller e Benjamin.

O transexual Stolleriano foi definido em 1975, quando Stoller apresenta como fator fundamental para a “anormalidade” da sexualidade (Transexual, travesti, homossexual e bissexual) o fato da criança se identificar com elementos do sexo oposto, como brincadeiras e vestuário.

Para Stoller a divergência sexual se dá pela relação da criança com a mãe. Essa mãe teria o desejo de ser homem e desfrutar de todas as “vantagens” do sexo masculino. Quando nasce o filho, a mãe transmite toda a sua vontade para ele, fazendo com que os laços entre os dois sejam muito fortes. O pai não teria expressão dentro da relação com o filho, dessa forma a manifestação do complexo de Édipo não aconteceria, pois a figura paterna não criaria insegurança e uma consequente rivalidade entre os dois. A mãe Stolleriana apresenta características de um transexual masculino, segundo a definição apresentada por Stoller:

[...] é eficiente, enérgica e dada aos negócios. Veste-se de uma maneira masculina, com cabelos curtos, quase sempre usa slacks e camisas de seu marido. Ela inveja os homens e é mordaz e condescendente em relação a eles, dominando situações sociais. Diz que seu casamento é infeliz, havendo uma grande distância entre ela e seu marido. Ela é, sem dúvida, quem toma as decisões na família (STOLLER apud BENTO, 2003, p.99).

Porém, se a ligação entre a mãe stolleriana e a criança é muito forte, e é tendência que a criança reproduza as influências do meio em que vive, seu habitus, seria natural a reprodução de atitudes machistas e masculinas, já que a mãe apresenta esse comportamento e o pai naturalmente também.

Bento (2003) contesta a teoria de Stoller através dos relatos de seus entrevistados/as. Entre seus/as personagens a figura materna possui comportamentos muito diferentes dos apresentados por Stoller. As mães citadas pelos/as transexuais vivenciam desde de uma proximidade com seus/as filhos/as a nenhuma forma de contato. A maioria dos/as personagens apresentaram uma relação conflituosa com suas mães, principalmente durante a adolescência. Podemos ver um exemplo dessa realidade no depoimento de Sara. Ela conta do posicionamento distante de sua mãe, que acontecia mesmo antes de assumir-se como transexual:

Sara: Minha mãe sempre me largou, sempre me largou, me deixou por aí. Me largou! Meu pai? Esse nem conta mesmo. Mas ela me largou não porque eu sou assim não, até porque eu assumi há pouco tempo. Sempre foi assim. Nunca mudou. Como eu disse: com saia ou sem saia é tudo uma coisa só. (BENTO, 2006, p.144)

Harry Benjamin também criou uma teoria sobre transexualidade. Para o autor o sexo é composto por cinco fatores: o sexo cromossômico, o gonádico, o fenotípico, o psicológico e o jurídico. Sendo o primeiro o mais importante por definir sexo e gênero. O sexo gonádico é o responsável pela reprodução, como os testículos no homem. Já o psicológico é o mais mutável e quando em desacordo com o restante dos sexos faz com que o indivíduo seja tratado como anormal para Benjamin.

O Transexual Benjaminiano passava por exames anatômicos e fisiológicos, como o cariótipo, na tentativa de diagnosticar uma má-formação cromossômica que mudaria o status de transexual para hermafrodita, e conseqüentemente daria o direito ao indivíduo de receber os procedimentos médicos necessários para a mudança de sexo. Benjamin apoia-se nos estudos de Ambroise Tardieu e juntos definem que o comportamento e o psicológico são irrelevantes para a determinação de um verdadeiro sexo, o que definiria as condutas seria o fator biológico.

Em 1874, Tardieu lançou o livro *Question médico-légale de l'identité dans les rapports avec les vices de conformation des organes sexuelles*, em que apresenta o caso da francesa Herculine Barbin. Barbin teve o seu sexo modificado forçadamente depois de 21 anos vividos como mulher. Para Tardieu o caso da francesa serviu como um exemplo das conseqüências que uma constatação errônea do sexo de uma criança pode causar.

Aos 20 anos, Herculine percebeu uma má-formação em suas genitálias, na época ela ainda morava em um colégio de freiras, onde tinha sido educada e vivido até então. Feito os exames descobriu-se algumas características que fizeram com que os médicos a considerasse homem e que havia ocorrido um equívoco durante seu batizado. Morando em uma pequena cidade francesa, o caso tornou-se público rapidamente, fazendo com que Barbin fosse expulsa do colégio. A partir desse momento a francesa foi obrigada a viver e exercer tarefas de homens.

Herculine começou a escrever um diário aos 25 anos, já vivendo como homem. Nele ela descrevia suas histórias como mulher, seu amor por Sara, a filha da dona do colégio e toda a alegria que o amor e sua identidade feminina lhe proporcionavam. Na parte final do diário, Herculine relatava o quanto estava perdida, sem identificar-se com a condição que lhe fora imposta. A narrativa torna-se tensa, densa e depressiva. Era nítida toda a tristeza que Herculine vivia. Três anos após começar a escrever seus relatos, a garota francesa suicidou-se.

Herculine não teve o direito decidir sobre a sua identidade de gênero. Ela era uma mulher que nutria amor por outra mulher, um conflito sexual que aparentemente não a incomodava. Porém, a ciência contestou sua condição: para os estudiosos da época ela era um

homem que mantinha relações com uma mulher e por isso deveria desempenhar as performances do sexo masculino. Essa imposição resultou em um desfecho trágico e contestou o fator biológico como predominante para se definir transexualidade.

As definições apresentadas por Benjamin foram adotadas como características do/da transexual verdadeiro. Segundo o autor

Alguns pesquisadores acreditam que as duas situações, travestismo e transexualismo, devem separar-se claramente, principalmente com relação ao seu “sentimento sexual” e seus pares sexuais eleitos (objeto de eleição). O travesti –dizem- é um homem, sente-se como homem, é heterossexual e simplesmente quer se vestir como uma mulher. O transexual se sente uma mulher (aprisionada em um corpo de um homem) e se sente atraído por outros homens. Isso faz dele um homossexual se o seu sexo for identificado de acordo com o seu corpo. No entanto, ele se autodiagnostica segundo seu sexo psicológico feminino. Ele sente atração sexual por um homem heterossexual, ou seja, normal. (BENJAMIN,2001, p.30).

Porém, novamente, apoiando-se nas entrevistas para contestar esses argumentos, encontramos casos de transexuais que mesmo depois de passar pelas transformações não se limitam apenas a sentir atração pelo sexo oposto. Para simplificar: uma transexual feminina, que antes de suas transformações apresentava físico masculino, pode se interessar sexualmente por mulheres e depois das transformações manter uma relação considerada homossexual, ou a mesma personagem se interessar por homens ainda antes de suas transformações e posterior a isso manter uma relação considerada “normal”.

A presidente do Coletivo Transexuais de Madri, Juana Ramos, uma das entrevistadas de Berenice Bento em seu trabalho de pesquisa, é um desses casos. Ramos considera-se uma transexual lésbica por sentir atração por outras mulheres (transexuais ou não). “No meu caso, quando constatei que tinha atração sexual por mulheres, tive conflitos pessoais que requereram um intenso trabalho de assumir-me como lésbica, independente de assumir-me como mulher”. (BENTO, 2006, p.175)

Para Benjamin o/a transexual verdadeiro/a é praticamente assexuado, já que não consegue sequer tocar seus órgãos genitais. Em grande parte dos/as transexuais isso é uma verdade. Muitos/as deles/as usam termos pejorativos para se referirem aos seus órgãos: ele, aquilo, coisa, pedaço de carne. Porém existem casos em que os indivíduos exercem sua sexualidade de forma natural. Alguns personagens até mesmo se masturbam e não possuem nenhuma ojeriza do seu órgão sexual. Como relata uma das personagens de Berenice Bento.

As vezes até, para falar a verdade, eu me masturbava sozinha, sabe? Eu não posso mentir. Já me masturbei sim, ele já subiu sim. Pode ser uma coisa que as vezes a

peessoa tenha vergonha de falar que tem. So se uma pessoa é deficiente, que tem problema, que está paralisado o corpo todo, aí talvez não tenha ereção; como que uma pessoa que é absolutamente normal não vai ter? Igual te falei, quando eu era adolescente já me masturbei. Agora, com hormônios não sobe mais. Eu sei que é absolutamente normal. Eu sendo transexual ou não, é normal a masturbação. (BENTO,2006, p.190).

Contestadas as principais teorias sobre transexualidade, podemos afirmar que não existe um “transexual verdadeiro”. Não se pode generalizar uma experiência identitária plural e complexa como essa, apenas para enquadrar os indivíduos desse grupo em padrões limitados. Muito além da necessidade de mudança do sexo biológico, como muitos acreditam, todos/as transexuais, almejam, em prioridade, a mudança social do nome e sexo em seus documentos, para que se sintam pertencentes à sociedade que tanto os recrimina.

2.3.1 PROJETO DE LEI JOÃO NERY

João Nery é considerado o primeiro transexual masculino a realizar cirurgia de mudança de sexo no Brasil. Nascido na década de 50, Nery viveu em uma sociedade que não discutia transexualidade, por isso, passou mais de 30 anos de sua vida sem saber como se identificar. Nery não se considerava uma lésbica, por não sentir-se como uma mulher, aceitou, então, a classificação que ouvia pelas ruas, assumindo a identidade de ET. Formado em psicologia, ainda como mulher, a partir da década de 70, começou a trazer elementos masculinos para o seu cotidiano. Amparado pela moda unissex Nery cortou o cabelo e começou a usar calças, foi o primeiro passo rumo a sua identificação de gênero.

Aos 22 anos saiu de casa para assumir a imagem e comportamentos que sentia condizentes ao seu gênero. Por diversas vezes Nery enfrentou constrangimento ocasionado pela incompatibilidade entre seus documentos e a imagem que aparentava, em diversas ocasiões foi acusado de falsidade ideológica. Aos 27 anos, começou os estudos sobre transexualidade no Rio de Janeiro, realizando todos os procedimentos que o levou às cirurgias parciais de mudança de sexo. Nery, em entrevista publicada no Erosdita¹⁴, vê as mudanças pelas quais o indivíduo se submete como parte de uma mutabilidade natural de todo sujeito:

Eu nasci com um corpo de mulher, porque também o corpo é uma invenção social no sentido de que nada na cultura pode ser pré-discursivo, tudo tem que passar pela

14

linguagem para ter um significado. Então ninguém nasce trans, ninguém nasce homossexual, ninguém nasce nada. Nós nascemos nus. Todo o resto são montagens que vão se fazendo durante a nossa vida, são performances que vamos criando a partir das identificações que vamos tendo. E somos eternos mutantes, podemos a qualquer momento nos tornarmos outra coisa. (NERY, 2014)

Cada vez mais, Nery se via envolvido na militância pelos direitos dos transexuais. Submerso nesse universos, lança o livro autobiográfico em 2011, *A viagem solitária de João W.Nery. Histórias de um transexual 30 anos depois.* . Mesmo depois da cirurgia, Nery ainda sofreu discriminação e foi impedido, judicialmente, de mudar seu nome nos documentos. Isso não impediu que o professor agisse pela conclusão de sua transgenilização. Nery foi a um cartório e tirou sua documentação, por conta própria. Com essa iniciativa ele perdeu todo o currículo escolar anterior, sendo obrigado a trabalhar durante 30 anos em subempregos como pedreiro, pintor, vendedor.

Toda essa batalha pelo reconhecimento e o direito de exercer sua própria identidade de gênero fizeram que João Nery ganhasse visibilidade e virasse ícone do movimento transexual brasileiro. O primeiro transexual masculino da história do país intitula um projeto de lei, (PL5002/2013), de autoria do Deputado do Estado do Rio de Janeiro, Jean Wyllys, que se baseia na lei de identidade de gênero argentina, considerada a mais avançada do mundo. O Deputado define, de forma resumida, qual a proposta da lei.

O projeto reconhece a identidade de gênero como um direito e estabelece claramente que tanto a alteração legal do nome e do gênero na documentação pessoal quanto qualquer tipo de intervenção no corpo para adequá-lo à identidade de gênero auto percebida é um direito que só poderá ser exercido com o consentimento legal expresso da pessoa interessada. Ou seja, nenhuma pessoa, maior ou menor de idade, poderia em hipótese alguma ser obrigada a fazer nada por nenhuma outra pessoa. (WYLLYS, 2015)

Esse projeto foi criticado por conservadores devido a proposta de dar direito ao menor de idade a realizar mudanças parciais no corpo, diga-se hormonização, antes de completar a maioridade. Por tudo que já foi apresentado nesse trabalho, sabemos da inexistência de identificação do transexual com o seu corpo antes das modificações, e é na fase da puberdade, da adolescência, que o corpo desenvolve as formas referentes do sexo biológico, se distanciando da aparência física buscada pelo jovem transexual.

Os pelos começam a crescer nas meninas trans, a voz fica grave e a barba aparece, os seios desenvolvem nos meninos trans, a voz fica mais aguda, começam a menstruar. No momento da vida em que esses jovens mais precisam reafirmar suas identidades eles passam por essa experiência traumática de se distanciar do gênero desejado ao adquirir características do gênero de rejeição.

A PL tem a proposta de evitar que os adolescentes passem por essas experiências que podem acarretar consequências irreparáveis. Para isso o projeto defende o início da terapia com bloqueadores hormonais antes do período da puberdade. Fica a critério do médico decidir a transição dos bloqueadores para a terapia hormonal, sempre em parceria com o paciente e uma equipe especializada nesse tipo de procedimento. O paciente precisa autorizar qualquer procedimento, juntamente com os pais, ou com uma intervenção judicial, de acordo com o Estatuto da Criança e do adolescente, caso os pais não autorizem o filho. Diferentemente do que os conservadores pregam, nenhum procedimento poderá ser tomado sem o estudo do caso, a vontade do paciente e a autorização de um responsável como apresenta o artigo 5º do projeto de lei:

Artigo 5º – Com relação às pessoas menores de dezoito (18) anos de idade, a solicitação do trâmite a que se refere o artigo 4º deverá ser efetuada através de seus representantes legais e com a expressa conformidade de vontade da criança ou adolescente, levando em consideração os princípios de capacidade progressiva e interesse superior da criança, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente. §1º Quando, por qualquer razão, seja negado ou não seja possível obter o consentimento de algum/a dos/as representante/s do menor, ele poderá recorrer ele poderá recorrer a assistência da Defensoria Pública para autorização judicial, mediante procedimento sumaríssimo que deve levar em consideração os princípios de capacidade progressiva e interesse superior da criança. (WYLLYS, 2015)

Permitir ao indivíduo trans, por meio da lei, que efetue as mudanças que ele sinta necessárias, é oferecer ao indivíduo autonomia sobre o próprio corpo. Mesmo indo contra o conservadorismo que ganha força no atual cenário político brasileiro, a PL levanta questionamentos sobre os impedimentos impostos aos transexuais brasileiros e evidencia, pela primeira vez, no foco de discussões políticas nacionais, a questão de identidade de gênero referente a classe transexual.

2.4 TRAVESTILIDADE

O termo que identifica essa experiência identitária deriva da palavra “transvestir”. Esse vocábulo indica a ação de um indivíduo quando usa roupas do sexo oposto, porém ser travesti vai muito além de uma simples roupa. A travesti expressa sua vivência identitária nos hábitos, na forma de se comportar.

Elas se nomeiam como mulheres, usam maquiagens e penteados, se hormonizam para deixar o corpo semelhante ao feminino, injetam silicone, geralmente o industrial, devido o baixo custo, ganhando assim seios, coxas grossas e principalmente bundas avantajadas.

Kulick (2008) descreve uma parte desse processo em uma passagem de seu livro, *Travesti, prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*, que retrata a vida das travestis da cidade de Salvador, Bahia.

No momento, Tina tem quatro agulhas cravadas na nádega esquerda. Ha duas horas e meia ela esta sendo "bombada", isto e, recebendo injeções de silicone aplicadas por uma outra travesti vinda de Recife. Agora, quase 2h30 da madrugada, as partes interna e externa das coxas de Tina, o quadril e a nádega direita estão prontos. Os furos deixados pelas agulhas rombudas vão sendo preenchidos com gotas de cola Super Bonder e cobertos com pequenas bolas de algodão. (KULICK, 2008, p.63)

Mesmo com todas essas transformações elas não se consideram mulheres, não se identificam com esse gênero em sua forma biológica. Mesmo estando vestidas o tempo toda com as roupas femininas, se referindo umas às outras com pronomes femininos e aceitando qualquer recurso que as façam mais femininas, elas não sentem o desejo de fazer mudança de sexo, como as transexuais, pois não sentem rejeição aos seus órgãos sexuais. Assim relata uma das travestis entrevistadas por Kulick: “Eu não tiro nada que Ele (Deus) me deu. Eu só melho as coisas. Ele me deu peito, eu aumento. Ele me deu bunda, eu aumento. Ele me deu coxas, eu aumento. Eu só estou fazendo o que Ele me deu ficar mais bonito”. (KULICK, 2008, p.100)

As travestis de cidades pequenas sofrem ainda mais preconceito, por conta disso e devido a falta de oportunidades, o êxodo para grandes centros é praticamente inevitável. Quando as travestis saem de casa e vão para as capitais, muitas vezes encontram nos programas sexuais a única forma de se manterem financeiramente longe da família. Inseridas na prostituição, as meninas se submetem a diversos tipos de experiências sexuais, mas, geralmente, são ativas com seus clientes. Por isso o pênis é por muitas vezes critério de seleção para quem procura e dessa forma “cultuado” pelas travestis. Todas as travestis, garotas de programa, entrevistadas por Kulick, confirmaram essa tendência passiva em seus clientes: "No começo da putaria da minha vida, tinham mais homens do que mariconas. No começo da minha ... carreira artística, certo? tinham mais homens. Hoje em dia é o contrario, todos querem dar. Mesmo os boyzinhos. Hoje em dia todos querem chupar, dar - antes não era assim”. (KULICK, 2008, p.175).

Essa combinação de feminilidade de vivência, identidade sexual homossexual e culto ao órgão genital, faz das travestis um grupo que não se identifica com os gêneros préestipulados pela sociedade, elas se consideram pertencentes a um terceiro e particular grupo. Mesmo com todas as mudanças corporais pelas quais as travestis submetem-se, grande parte delas não conseguem entender os indivíduos que realizam as mudanças de sexo e, por

muitas vezes, reproduzem pensamentos preconceituosos em relação a transexualidade. Kulick (2008) confirma em seu livro que existe um consenso entre as travestis baianas: “Qualquer indivíduo biologicamente masculino que pretenda ser uma mulher sofre um desequilíbrio psicológico e portanto, precisa de ajuda profissional”. (KULICK, 2008, p.184)

O gênero travesti chegou a ocupar lugares de destaque na mídia nacional durante as décadas de 70 e 80. Atuavam em novelas, participavam de programas de auditório, o exemplo mais marcante fica reservado à década de 80. Nessa época, o símbolo sexual brasileiro, a mulher considerada a mais bonita de todo o território nacional, era uma travesti, a famosa Roberta Close. Rotineiramente Close aparecia em programas de televisão, chegou a estrear peças de teatro e até posou para a revista masculina Playboy.

Porém, essa não é a realidade da maioria esmagadora das travestis do Brasil. As “outras” perdem sua identidade ao cair da noite, vistas nas calçadas elas esperam por seus clientes e têm seus nomes revelados apenas pelas páginas policiais. Dessa forma elas formam um grupo marginalizado e temido, com lugares demarcados ao longo de avenidas das grandes cidades brasileiras.

3 DOCUMENTÁRIO

Nesse capítulo iremos explorar a temática do documentário, apresentando uma breve história e mostrando discussões sobre o assunto. Ainda mostraremos os diferentes modos de documentário segundo a definição de Nichols e porque escolhemos o de modo participativo para o nosso projeto. Vamos falar sobre o documentário e a educação e o documentário e o gênero, mostrando alguns exemplos de documentários que seguem essas duas linhas.

3.1 DISCUSSÕES SOBRE O DOCUMENTÁRIO

O cinema, como hoje é conhecido por todos nós, começa em 1895 com a experiência de dois irmãos ao documentarem a saída de operários de uma fábrica, os irmãos Lumière ao registrarem esse momento são responsáveis pelo ápice de várias técnicas que já vinham em evolução pelas mãos de inúmeros inventores que se preocupavam em como obter projeções de imagens em movimento. Se os irmãos August Lumière e Louis Lumière são considerados os pais do cinema documental, o francês Georges Méliès é considerado o precursor dos filmes de ficção, suas produções continham inúmeros efeitos de ilusão e a mais conhecida de todas e que se tornou um clássico do cinema é *Le voyage dans la lune* que foi lançado no início do século XX, mais precisamente no ano de 1902.

O documentário mostra sua narrativa por sua capacidade de representar o real em diversas áreas, tais como, culturas, sociedades, paisagens, crises, guerras, meio-ambiente entre outras áreas que podem ser abordadas como temática do documentário. A pungência do documentário em conseguir levar até o espectador a realidade, faz com que ele se torne um dos gêneros mais inventivos do cinema.

A palavra documentário traz marcas da significação, surgida na segunda metade do século XIX no campo das ciências humanas, para designar um conjunto de documentos com a consistência de “prova” a respeito de uma época. Possui desse modo, uma forte conotação representacional, ou seja, o sentido de um documentário histórico que se quer veraz, comprobatório daquilo que “de fato” ocorreu num tempo e espaço dados. Aplicada ao cinema por razões pragmáticas de mobilização de verbas, ela desde então disputou com a palavra ficção essa prerrogativa de representação da realidade e, conseqüente, de revelação da verdade. (MASCARELLO, 2006, p. 253)

A delimitação entre o ficcional e o documentário, dentro do campo maior do cinema, é uma questão debatida a tempos na academia e na sociedade. Até que ponto um filme documental não leva elementos ficcionais, seja para envernizar uma ideia ou um depoimento e até que ponto um filme considerado inteiramente de ficção não leva elementos que nos façam pensar nas realidades cotidianas e nas angústias do dia a dia? Filmes pioneiros do cinema documental, como *Nanook do Norte*, do cineasta *Robert Flaherty*, de 1922, onde o diretor busca retratar a realidade de um tribo de esquimós do norte do Canadá e *O homem com uma câmera na mão*, do diretor *Dziga Vertov*, de 1929, em que o cineasta leva uma câmera para a rua com ideia de filmar a realidade sem interrupção, sem atores ou cenários, mostram que por mais que se tente não criar situações de ficção, a representação do real por si só nos leva para um campo de abstração, com elementos lúdicos, sem por isso deixar de contar uma história verdadeira. Um filme brasileiro que trabalha com essas discussões entre real e ficção é *Jogo de Cena*, do diretor *Eduardo Coutinho*, de 2007. No filme são apresentados personagens contando histórias de vida e o espectador fica sem saber quais personagens são atrizes e quais personagens são pessoas sem experiência de atuação falando para a câmera.

Uma das autoras que versam sobre o tema é Manuela Penafria(2003) ao tentar esclarecer o assunto ela elabora a explicação de que a diferença entre o documentário e o cinema de ficção não está em sua natureza, e sim em seu grau, ou seja, na utilização que o autor pretende para a obra, em que espaços pretende reproduzir e com qual público pretende atingir. Segundo ela, todos os filmes produzidos são de certa forma documentais, pois por mais que tenham cenários e diálogos construídos, acabam por criar realidades documentais.

Para a autora, a base do documentário são as produções pioneiras do cinema, onde o foco nos registros do cotidiano serviu para a criação de uma linguagem para o documentário.

O Documentarismo está presente em toda a produção de imagens em movimento, uma vez que um qualquer filme é uma manifestação/visão do realizador sobre um assunto, que de um modo mais próximo ou mais distante, diz respeito às nossas vidas, às nossas memórias, ou seja, ao universo humano. Existem produções mais especificamente caracterizadas por esse registo documental e que visam consagrá-lo, denominadas por filme documentário. (PENAFRIA, 2003, p.6)

A partir da década de 70, as discussões na França sobre o cinema como uma realidade de caráter construído, reverberam no documentário. Em seu livro, Penafria lembra o autor Jean-Louis Comolli que reafirma essa realidade construída do cinema. “Não estamos

perante, dizem, uma representação natural. Essa representação é possível por um conjunto de tecnologia (câmera e lentes)” (PENAFRIA, 2004, p.208).

Os documentários produzidos hoje em dia seguem linhas diversas após quase um século de discussões sobre o gênero. Os filmes atuais tentam tanto parecerem mais reais como assumem um posicionamento de participação de seus diretores. Existem os chamados *mockumentarys*, filmes de ficção que tentam se passar por documentários, como *Bruxa de Blair*, de 1999 e filmes documentários com traços claros de expressão artística, como *Vinicius*, de 2005. O que une esses diferentes tipos de filmes é a sua busca por representar o real, sem perder de vista que se trata de um produto, feito por pessoas com suas próprias visões de mundo e que interferem diretamente no conteúdo produzido.

O teórico do documentário contemporâneo, Bill Nichols, acredita que todos os filmes são também documentários. Segundo o autor, um documentário não é uma representação do real e sim uma representação de algo sobre determinado ponto de vista. Um diretor europeu que faça um filme sobre tribos indígenas da Amazônia, certamente estará carregado de etnocentrismo, e isso influenciará em sua obra final. Como a própria tribo que está sendo representada dificilmente agirá de modo normal diante de uma equipe de cinema. Para Nichols, todo filme tem mais de uma história: a do público, a do cineasta e a do próprio filme.

É pelo facto de seleccionar e exercer o seu ponto de vista sobre um determinado assunto que um filme nunca é uma mera reprodução do mundo. É impossível ao documentarista apagar-se. Ele existe no mundo e interage com os outros, inegavelmente. O fim último é apresentar um ponto de vista sobre o mundo e, o mais das vezes, mostrar o que sempre esteve presente naquilo para onde olhamos mas que nunca vimos. O documentário tem por função revelar-nos (aos intervenientes e aos espectadores) o mundo em que vivemos. (PENAFRIA,2001, p.7)

Portanto podemos chegar à conclusão de que tentar enquadrar filmes em apenas ficção ou documentário se torna uma atitude inócua, visto que todo filme tem um pouco dos dois campos e que ao fazermos isso reduzimos as obras a uma classificação, sem levar em conta suas singularidades e os modos como foram feitos.

3.1.1 O DOCUMENTÁRIO SEGUNDO NICHOLS

Nicholls em seu livro “Introdução ao Documentário” (2005, p.135) identifica seis tipos principais de documentários: poético, expositivo, participativo ou interativo, observativo, reflexivo e performático. O modo poético retira do mundo histórico sua fonte, utiliza o cotidiano e a sociedade como base, depois transformando esses elementos com associações visuais, formas abstratas e ritmos diversos. O modo expositivo trabalha com um narrador em contato direto com o espectador, a chamada “voz de deus”, apenas audível ela nunca aparece na tela. Esse modo lembra os telejornais, com sua preocupação em informar e ser claramente objetivo e onisciente. O modo observativo é quando o diretor se torna um *voyeur* do cotidiano, os personagens não interagem com a câmera seguem seu ritmo de vida parecendo alheios as filmagens. Esse modo sofre um dilema, ao tentar ser apenas um observador, o diretor não pode deixar de ter consentimento de quem participa do filme e isso precisa ser explicado para que as consequências dessa observação sejam entendidas. No modo participativo, o documentário tenta mostrar como é estar na pele do personagem. Esse modo utiliza um envolvimento mais direto do diretor com o tema e se utiliza principalmente de entrevista.

(...) O cineasta despe o manto do comentário em voz-over, afasta-se da meditação poética, desce do lugar onde pousou a mosquinha da parede e torna-se um ator social (quase) como qualquer outro. (Quase como qualquer outro porque o cineasta guarda para si a câmera e, com ela, um certo nível de poder e controle potenciais sobre os acontecimentos). (NICHOLS, 2005, p.154).

O modo reflexivo expõe de início o que ele pretende ser, uma representação ou uma construção de um determinado tema. Deixando de lado quaisquer pretensões realistas e mostrando como uma câmera pode representar os outros. “Esses filmes tentam aumentar nossa consciência dos problemas da representação do outro, assim como tentam nos convencer da autenticidade ou da veracidade da própria representação”. (NICHOLS, 2005, p.164)

Por último, o modo performático mostra o quão complexo um assunto pode ser, utilizando de compreensões de mundo subjetivas e afetivas. Com um certo tom autobiográfico e capacidade de expressar subjetividade, esse modo acaba por conseguir trabalhar com novas formas de narrativa e representações. Utilizando personagens específicos, como o próprio diretor. Esse modo se assemelha ao cinema experimental ou de vanguarda, focando menos no

caráter independente e mais na dimensão expressiva da sua essência. “O documentário performático restaura uma sensação de magnitude no que é local, específico e concreto. Ele estimula o pessoal, de forma que faz dele nosso porto de entrada para o político”. (NICHOLS ,2005, p.176)

Para o documentário que produzimos escolhemos utilizar o modo participativo, portanto vamos aprofundar um pouco mais a sua definição. Neste modo, o principal artifício do diretor é o uso de entrevistas, muitas das vezes o próprio diretor e sua equipe aparecem durante as filmagens, não se tenta esconder do espectador a presença e a influência da equipe sobre os personagens, as entrevistas são direcionadas e o entrevistado na maioria das vezes foca seu olhar no entrevistador. É interessante perceber que por mais que se perceba a influência do diretor nas cenas, o entrevistado sempre será o centro das atenções.

No modo participativo, tanto se pode mostrar o entrevistado, quanto se pode mostrar o entrevistado e o entrevistador na mesma tomada. Muitas das vezes a influência que o diretor exerce é apenas notada nas perguntas e no olhar do entrevistado enquanto em outras vezes podemos observar tudo que está se passando no set, vemos as luzes, vemos as câmeras, vemos a equipe trabalhando.

4 DISCUSSÃO DE GÊNERO E EDUCAÇÃO NO DOCUMENTÁRIO

4.1 O DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO E A EDUCAÇÃO

Todo o documentário busca passar uma mensagem, um diretor ao rodar um documentário quer mostrar para seus espectadores as realidades que muitas vezes não vemos ou passam despercebidas por nós. Por mais que saibamos que existam guerras infinitas na África, só o poder de uma contextualização e o uso de imagens faz com que sintamos o impacto da realidade. Documentários passeiam por diversas áreas, mas existem documentários feitos com a finalidade de educar, com a finalidade de mostrar para as pessoas o jeito correto de lidarem com certas situações.

Uma das experiências pioneiras no Brasil em relação a filmes de educação, foi o funcionamento durante 30 anos do INCE, Instituto Nacional de Cinema Educativo. O órgão foi criado em 1936 durante o governo de Getúlio Vargas e era subordinado ao Ministério da Educação e Saúde Pública que era comandado na época pelo ministro Gustavo Capanema. O primeiro diretor do instituto foi o famoso antropólogo Roquette Pinto.

Embora já funcionasse desde 1936, o instituto só passa a existir oficialmente a partir de janeiro de 1937 com a publicação da lei 378. Em um dos artigos dessa lei era dito: “Fica criado o Instituto Nacional de Cinema Educativo, destinado a promover e orientar a utilização da cinematografia, especialmente como processo auxiliar do ensino, e ainda como meio de educação popular em geral”. Ficava claro a partir de então que a finalidade do instituto era fomentar a produção de filmes para a utilização deles em escolas e em outros lugares onde fosse possível ensinar pessoas.

No próprio instituto era realizada toda a produção necessária dos filmes como filmagens, revelações, montagens e sonorizações e todos os dias eram promovidas exibições para professores e estudantes nos auditórios do INCE. Em 1941 estimasse que o acervo do instituto já contasse com 528 filmes, entre editados, adaptados e adquiridos. Desses, 257 filmes tinham sido produzidos pelo próprio INCE e apresentavam os temas mais diversos como documentários científicos, preventivo-sanitários, de educação física, históricos, de geografia, artes aplicadas, meio rural, atividades econômicas, astronomia, agricultura, aviação, botânica, infantis, animação, dança, música folclórica, riquezas naturais, etnografia, indústria, medicina, saúde pública, zoologia, nutrição, entre outros

Dentro do instituto também era permitido que pesquisadores e professores filmassem suas pesquisas para que fossem documentadas e posteriormente divulgadas Brasil afora. Com assessoria de profissionais especializados e filmados por funcionários do INCE, os documentários produzidos serviram para mostrar a importância que o instituto teve para a divulgação da produção científica brasileira. O criador do Laboratório de Biofísica da Universidade do Brasil, Carlos Chagas Filho, documentou vários trabalhos, bem como o professor Maurício Gudin, da Beneficência Portuguesa, e o Professor Cardoso Fontes, do Instituto Oswaldo Cruz.

Uma das principais figuras do INCE foi o diretor Humberto Mauro, ele trabalhou em diversas áreas no instituto como montador, fotógrafo, diretor de arte, transformador e, também, roteirista e, de certa forma, educador, já que decidiu vários assuntos a serem produzidos. Em 28 anos no instituto Mauro realizou mais de 300 documentários e viveu de perto as transformações pelas quais passou o instituto. Ele é considerado até hoje um dos maiores cineastas da história do Brasil, tendo inclusive sido homenageado em 1982 no Festival de Cannes por ser considerado como um dos maiores diretores do século XX.

Schwarzman (2004) dividiu a história do instituto em duas partes, a primeira quando Roquette-Pinto era seu diretor e a segunda quando ele se aposenta e assume a direção do instituto primeiro Pedro Gouvêa e depois Flavio Tambellini. De acordo com a autora, os filmes produzidos na primeira parte correspondiam ao objetivo de reinventar o Brasil, “mostrando a natureza exuberante e o homem primitivo como marcas de nossa nacionalidade, descobertas científicas, biografias de heróis da nação, riquezas da natureza, da cultura e ensinamentos técnicos” (SCHVARZMAN, 2004, p.303). Essa época é creditada ao que chamou de Brasil “extraordinário”, caracterizada pela “harmonização dos conflitos e unificação da identidade nacional, numa história povoada de heróis sábios, onde a nação emerge como expressão viva e extensão da natureza” (SCHVARZMAN, 2004, p.303). Nesses 10 primeiros anos, Humberto Mauro produziu cerca de 240 filmes

Na segunda parte os assuntos científicos vão perdendo força e filmes com temáticas rurais, musicais e de regionalidade ganham espaço. É interessante notar que a partir da aposentadoria de Roquette-Pinto, Humberto Mauro ganha mais autonomia e começa a produzir filmes sobre os diferentes tipos de brasis existentes na nossa sociedade, dando ênfase ao folclore e ao brasileiro do interior. São dessa época filmes como Aboios e Cantigas de 1954, Canções Populares de 1945, Cantos de Trabalho de 1955, da Série Brasileiras. É essa fase do diretor que o fez virar inspiração para diretores do Cinema Novo, como Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha. De qualquer jeito, mesmo com mais autonomia, o

cinema nessa segunda fase produz bem menos filmes do que na primeira e consegue filmar 114 documentários.

A partir de 1950 o instituto começa a perder força por inúmeros motivos, o cinema de educação já não era unanimidade entre especialistas, o uso do cinema para a educação foi perdendo espaço para os veículos de massa, especialmente a televisão e o presidente Getúlio Vargas já não tinha o mesmo interesse pelo assunto inclusive iniciando as conversas do que viria a ser o Instituto Nacional de Cinema(IFC) fundado em 1966 para fomento de produções de cinema comercial no Brasil. No mesmo ano o INCE encerra suas atividades se tornando o Departamento de Filme Educativo(DFE) subordinado ao novo INC.

Outra experiência de sucesso na produção de documentários educativos que perdura até hoje é a TV Cultura. Criada em 20 de setembro de 1960 ela nasceu com o lema de “educar, informar e divertir” e fazia parte dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Com a decadência do império de *Chatô*, a TV deixa de existir e é vendida para o governo do estado de São Paulo. Ela é relançada em 16 de junho de 1969 e traz para o país o conceito de televisão pública. Para viabilizar o funcionamento da TV o governo do estado de São Paulo cria a Fundação Padre Anchieta responsável por captar e gerir os recursos do novo canal.

Assim que é relançado, o canal começa a despertar um certo entusiasmo na classe intelectual, especialmente jornalistas e professores universitários, pois eles viam no veículo uma forma de “retomar o projeto de preencher o vazio intelectual que existia no Brasil desde a década de 1930” (KUNSCH, 1999, p. 201). Mas quem de fato se interessou em utilizar a TV foi o regime militar que governava o país. Eles viam no canal uma forma de divulgar uma imagem do Brasil de norte a sul e de reforçar valores de uma sociedade de consumo, já que o país passava pelo “milagre econômico” e era necessário que o país inteiro enxergasse isso.

Em seu discurso na inauguração da TV Cultura, José Bonifácio Coutinho Nogueira, diretor do canal, explicita quais seriam as diretrizes que o canal iria tomar.

A Fundação Padre Anchieta, afirmando-se legionária do regime de liberdade, não terá qualquer posição política que não seja a de divulgadora dos postulados da democracia. Todas as formas de proselitismo serão recusadas. Sem quaisquer preconceitos religiosos, adotaremos a posição ecumênica, que unem a todos que crêem em Deus. Aos espíritos jovens de todas as idades e condições sociais dirigiremos a nossa mensagem (...) a filosofia do nosso trabalho busca a democratização do ensino pela cultura (KUNSCH, 1999, p. 201 e 202).

Com o recrudescimento do regime militar a TV cultura começa a passar por inúmeras turbulências, o perfil político mais liberal e cultural dos diretores do canal passa a contrastar fortemente com a visão autoritária e nacionalista do governo. O caso mais emblemático envolvendo a TV e o governo militar é o de Vladimir Herzog. Vladimir era

diretor de jornalismo do canal e foi intimado a depor pelo DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna) para prestar esclarecimentos sobre suas atividades políticas, Vladimir era militante do PCB, que na época funcionava na clandestinidade, mas não exercia nenhum cargo de relevância dentro do partido. Durante seu depoimento Herzog veio a morrer depois de inúmeras sessões de tortura e o que ficou mais conhecido desse episódio foi a sua foto com uma corda no pescoço, numa tentativa espúria do governo militar de criar a ideia de que o jornalista havia se matado.

A história do canal até os dias hoje é recortada por ingerências políticas, por depender das verbas do governo do estado a emissora sempre teve em seus quadros pessoas indicadas pelos inúmeros governos pelos quais passou. O que é interessante notar é que por ter a necessidade de produzir uma programação de qualidade o canal sempre soube contratar profissionais experientes tanto nos campos das artes e do cinema como no campo da televisão. A TV também serviu como primeiro emprego para muitos dos formandos que saíram do curso de Cinema e Radialismo (RTV) da Universidade de São Paulo.

No fim dos anos 70 e início dos anos 80, a produção de documentários no canal começa a ganhar força e se desenvolve exponencialmente. É desse período o auge das produções de grandes séries como História da Arte no Brasil, História da Telenovela e Aventura do Teatro Paulista. Esse desenvolvimento da produção de documentários é possível pela consolidação de um modelo de produção que envolvia uma série de profissionais com vasta experiência em cinema e televisão, além do amadurecimento dos formandos das primeiras turmas de cinema e radialismo que começaram na emissora como assistentes e passaram a ocupar cargos mais importantes.

As artes sempre tiveram espaço privilegiado na grade da emissora, tanto em séries de documentários como em títulos avulsos exibidos pelo canal. Séries como *Terra e gente no curta metragem brasileiro* (Roberto Santos, 1973) e *Categoria Especial* (1974) focavam na exibição de curtas metragens de diversos jovens diretores do estado de São Paulo, dando um espaço em televisão aberta que esses jovens talvez nunca conseguissem de outra forma. Era comum também a exibição de séries internacionais como *75 anos de cinema* (1970), além de biografias de atores e diretores renomados.

Sobre teatro, foram produzidas as séries *O teatro e o ocidente* (1977) e *Aventura do teatro paulista* (1981) e ainda muitos documentários sobre diretores de teatro brasileiros.

Os documentários e programas musicais sempre tiveram um importante espaço na grade da emissora, eram feitas coberturas de festivais, concertos e shows, entrevistas e biografias de inúmeros músicos e documentários de artistas mais antigos como Pixinguinha,

Cartola e Noel Rosa. Outro programa musical que ficou bastante famoso na época foi o *Ensaio(1990-2016)*, onde os artistas contavam um pouco da carreira e cantavam suas músicas, nesse programa passaram os artistas mais atuais da época, como Cassia Eller e Titãs. Essa importância dada pelo canal à música brasileira, ajudou a difundir enormemente tanto a música popular quanto à música erudita brasileira.

A literatura também sempre recebeu um espaço grande no canal, muitos dos grandes autores e poetas brasileiros tiveram documentários feitos e exibidos na programação. Outras séries de documentários sobre literatura que merecem destaque —são *Leituras do Brasil(1995-1997)* e *Artistas Brasileiros Contemporâneos(2000)*.

Um tema recorrente na produção do canal era a cultura popular brasileira, seja em documentários musicais, literários ou até mesmo em reportagem jornalísticas, sempre existiu uma preocupação em mostrar as diversas culturas espalhadas pelo Brasil afora. Folclore, frevo, jongo, samba, entre outros exemplos sempre receberam atenção especial da emissora.

A TV Cultura continua existindo, mas devido a inúmeros cortes de gastos e pessoal em diversos governos, vem passando por uma crise sem fim. Nos últimos tempos abriu mão de sua independência e passou a veicular publicidades com fins de consumo. É cada vez mais escassa a produções de novos documentários.

Existem algumas emissoras de TV aberta hoje em dia que ainda mantem um caráter educacional como a TV Brasil, a TV Escola e o Canal Futura. Com o aprofundamento da TV por assinatura no Brasil surgiram inúmeros canais que passam programação educativa, mesmo essa não sendo sua prioridade, como os canais History Channel, Discovery e National Geographic. Voltados para o documentário, muitos canais de arte e cinema, como Canal Brasil e Arte 1, dedicam espaços em sua programação para programas que exibem esses tipos de filmes.

4.1.1 O DOCUMENTÁRIO BRASILEIRO E O GÊNERO

O caso mais importante sobre documentários abordando a temática de identidade de gênero no Brasil nos últimos tempos foi a polêmica em torno do programa do governo federal, Escola sem Homofobia. O programa é uma coletânea de vídeos educativos e cartilhas que seria distribuída para os professores da rede pública de ensino. Nele existiam discussões sobre homossexualidade, identidade de gênero, gravidez precoce, tudo pautado para que os

alunos pudessem aprender mais sobre o assunto e não reproduzir preconceitos existentes na sociedade.

Por conta de uma ofensiva feita pela bancada conservadora do congresso brasileiro, que denominou o programa de kit gay e ventilou pelos quatro cantos que o projeto servia como uma forma de influenciar crianças a virarem gays o governo federal, desistiu de levar adiante a distribuição do material.

Um dos documentários filmados no Brasil que falam sobre o tema da identidade de gênero é *Questão de Gênero*, de 2013, do diretor Rodrigo Najar. Nele o diretor acompanha a vida de 7 personagens que tem o sentimento em comum de não terem nascido no corpo certo. Homens que nasceram mulheres, mulheres que nasceram homens contam como se descobriram transexuais e como buscam viver em sua verdadeira identidade de gênero.

Outro documentário famoso no Brasil e ganhador de vários prêmios é *De gravata e unha vermelha*, de 2015, nele a diretora e também roteirista Miriam Chnaiderman retrata as diferentes formas que pessoas podem escolher para ser no mundo de hoje em dia. O binarismo de gênero é completamente pulverizado em face a personagens que se vestem e mantêm corpos altamente inusitados, que não se enquadram nos padrões tradicionais impostos pela sociedade. São entrevistados no filme entre outros, Rogéria, Ney Matogrosso, Laerte, Bayard, Leticia Lanz, Johnny Luxo, Walério Araújo e Mel que pertence a Banda Uó

Lançado no ano de 2010 o curta Retratos, dos diretores Leo Tabosa e Rafael Negrão, retrata a realidade de seis personagens travestis que moram no estado de Pernambuco. Todas elas trabalham em empregos que não são ligados a prostituição e o filme busca retratar que a vida de uma travesti pode ser tão comum como a de qualquer outra pessoa.

Outro curta lançado no Brasil no ano de 2009 que trata de questões de identidade de gênero é o filme *Quem será Katlyn?*. O curta metragem trata sobre o processo de transformação identitária da personagem Katlyn, uma travesti que conta sua história de superações e quebras de barreiras para poder se assumir como sempre se sentiu. O filme tem entrevistas com outros personagens que já passaram ou estão passando pelo mesmo que a personagem principal.

Como as discussões sobre identidade de gênero ganharam relevância sobretudo na década passada no Brasil, a filmografia sobre o assunto ainda não é muito extensa no país. É importante notar que nos últimos anos filmes sobre a temática tem sido cada vez mais

produzidos, ajudando a esclarecer muitas dúvidas que o público em geral tem sobre a identidade de gênero e a homossexualidade.

O nosso documentário tem o nome *A dor e a delícia de ser o que é* porque buscamos mostrar no filme como é ser tratado como diferente pela sociedade. Ao contar um pouco da história de suas vidas, dos seus temores e dos seus amores os personagens vão mostrando para o público a sua própria personalidade. Escolhemos o tema da identidade de gênero e da homossexualidade por entendermos que esse assunto está começando a ser discutido no Brasil e que muitas pessoas ainda não estão relacionadas com ele, necessitando de mais fontes para que o assunto possa atingir cada vez um número maior de pessoas. Buscamos com o documentário educar o público a lidar com certas situações, para que não cometam, mesmo sem querer, erros de tratamento a pessoas de gêneros diferentes dos seus.

Outro fator que nos levou a produzir um documentário com esse tema foi o fato das pessoas ainda não conhecerem as formas certas de se referirem aos diferentes tipos de identidades de gêneros existentes. Erros comuns como confundir transgêneros com transexuais, tratar travestis ou drag-queens com pronomes masculinos entre outros problemas, nos fizeram enxergar que é necessário um aprofundamento para que se tente educar os espectadores acerca dessas questões.

Nossos personagens foram escolhidos pensando em sua relevância dentro do gênero em que se enxergam. Escolhemos cinco tipos de personagens tentando abarcar o máximo de identidades possíveis. Como nosso tempo era curto e não tínhamos como estendê-lo mais, esse foi o número que achamos razoável. Em nosso filme temos uma personagem transexual, um personagem transgênero, uma personagem travesti, uma personagem drag-queen e um personagem homossexual. Todos buscando viver a vida do jeito que se sentem melhor, deixando de lado repressões impostas pela sociedade e assumindo os seus verdadeiros eus.

4.1.2 POR QUE USAMOS O DOCUMENTÁRIO DE MODELO PARTICIPATIVO

Escolhemos usar o modo participativo para o documentário que produzimos, pois acreditávamos ser o que melhor se adaptaria ao tipo de estrutura que tínhamos pensado para a gravação do filme. Como o modo participativo é baseado em entrevistas e permite uma maior interação entre entrevistado e entrevistador ele seria ideal visto que pretendíamos fazer das

entrevistas a base para nosso filme, além do que no modo participativo a nossa presença poderia ficar em evidencia no vídeo e não teríamos que nos preocupar em nos omitir, já que muitas vezes participaríamos da condução das entrevistas.

A vantagem de escolher o modo participativo, foi o de poder conhecer melhor nossos personagens. Por mais que alguns deles fossem nossos amigos, outras pessoas famosas em seus meios, a cada entrevista percebíamos o quanto cada um daqueles sujeitos era especial e parecia ter esperado tanto tempo para contar sua história. Desde declarações sobre infância, família e sociedade até a temas mais espinhosos como política e o que esperar do futuro.

5 –RELATÓRIO DE FILMAGEM

5.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Nosso projeto se iniciou primeiramente com uma ideia de filmar a questão da identidade de gênero porém em um outro formato, pensávamos em fazer um documentário com um cunho mais experimental, onde as entrevistas seriam passadas em off enquanto os personagens apareceriam em cenas específicas, visto que o nosso tempo seria muito curto e que demandaríamos de muito mais estrutura, o que aumentaria também os nossos custos, decidimos fazer o documentário de uma forma mais tradicional, com as entrevistas aparecendo na tela e sendo o fio condutor de toda a história. Escolhemos o formato de curta-metragem por acreditar que ele se adequaria ao que necessitávamos, o formato de tempo certo para contar a história com a intensidade que pensamos, sem deixar o público desviar o foco ou a atenção.

Ao definirmos o tema, voltamos nossa atenção a leitura de textos sobre o assunto, para nos prepararmos melhor para as entrevistas que viriam nas fases posteriores. A busca pelos personagens foi praticamente nessa mesma época e foi facilitada por alguns fatores, alguns dos personagens já eram nossos amigos e outros estudavam na mesma universidade que nós. Esses personagens acabaram nos indicando os que faltavam para a conclusão das entrevistas. Uma dificuldade que tivemos em relação as entrevistas foi a compatibilidade de agenda dos personagens com as nossas, visto que nós dois trabalhamos durante a semana e a maioria dos entrevistados também, era sempre difícil conseguir marcar uma entrevista em um horário que fosse bom para os dois lados. Com um dos personagens chegamos a ter que remarcar a entrevista duas vezes por compromissos inadiáveis que apareciam em cima da hora.

Todos os entrevistados receberam cartas convites que explicavam do que se tratava o filme e onde detalhávamos o que pretendíamos perguntar para cada um. As cartas foram mandadas por e-mail e só depois da resposta das mesmas é que tivemos nossos primeiros encontros com os entrevistados. Com alguns personagens conseguimos ter um encontro antes das filmagens, porém com outros isso não foi possível, devido a já comentada incompatibilidade de agendas. Com os que conseguimos conversar antes explicamos como seriam as entrevistas principais e tentamos já ir conversando para que pudséssemos criar um

certo grau de intimidade que fizesse com que no dia das gravações a entrevista ficasse mais descontraída e com mais interatividade entre o entrevistador e o entrevistado.

Pensamos para o filme em utilizar uma câmera principal, que ficaria focado no entrevistado em plano aberto, para que o espectador se enxergasse por um todo e uma outra câmera que faria planos mais detalhados e buscaria passear por outros ângulos para que a imagem principal não ficasse repetitiva. Para as entrevistas pensamos em filmar sempre em ambientes externos, visto que não tínhamos a possibilidade de utilizar estúdios em todas as gravações.

Para a abertura, pensamos em filmar dentro de um estúdio, pois poderíamos criar com as luzes jogos de cena de um bailarino em uma sequência de imagens utilizando tintas onde o mesmo estaria dançando como uma obra de arte, demonstrando o orgulho pelo corpo ao qual pertence, não necessariamente o corpo que ele nasceu, mas o qual ele se considera pertencente. A tinta demonstraria a possibilidade de cada um poder escrever com suas próprias palavras a história de sua própria vida e traçar seu próprio futuro.

Para as vinhetas, que separariam cada tema dentro do documentário, utilizaríamos também o estúdio pelo mesmos motivos acima e pensamos no bailarino aparecendo pintado, simbolizando as diferentes etapas e aprendizados pelos quais passamos na vida e como isso deixa marcas em cada um de nós.

Por ser um assunto que envolve muitas discussões, decidimos chamar personagens que são engajados em seus meios. Assim descobriríamos informações sobre os próprios personagens e também sobre as lutas que estivessem travando naquele momento, essa escolha se mostrou uma ótima opção, pois acabamos por ficar sabendo de vários projetos dos quais os personagens participam, de lutas que já travaram sobre diversas situações e de seus planos para continuar lutando pela defesa e garantia de seus direitos.

5.1.1 APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS

Para escrever essa parte do texto resolvemos usar um pouco do material do documentário, preferimos que os próprios personagens se apresentassem, porque uma das características mais marcantes do filme é dar voz para que os personagens sejam quem eles

queiram ser. Portanto transcrevemos certos trechos de cada entrevista e os usaremos para essa apresentação.

A personagem Bruna se define como “uma mulher guerreira, militante da causa LGBT e que após da cirurgia de mudança de sexo, está cada vez mais está em paz com seu corpo. Encontrou na militância, uma maneira de buscar seus direitos e dos seus semelhantes. Como ela mesma se caracteriza, uma bruxa, feminista e transexual.”

O personagem Gustavo se define como “um técnico de som direto, cineasta e artista. Ele se descreve como uma pessoa transexual, escolhendo não tomar a posição da sua parte feminina, nem da masculina, pois acredita não se encaixar em nenhuma das partes.”

A personagem Lucy, 20 anos, se define assim: “Apesar de seus medos, Lucy é forte. Como uma boa ariana, sempre resistiu e teve força para enfrentar seus desafios. Preocupa-se que sua militância seja enfraquecida com o decorrer do tempo e com o relacionamento que tem com seus pais.”

A personagem MC Xuxu se define como “uma sonhadora, que acorda todos os dias e vê força para lutar. Que através desse nome, conquistou bastante e acredita no melhor.”

O personagem Juber se define como “um sonhador, que acredita na luta e consegue enxergar um futuro melhor para todos. Um batalhador que atingiu tudo o que atingiu com sua força e que agora pretende ir muito mais além”

O Bailarino que fez as performances para a abertura e para as vinhetas se chama Gustavo Júlio e é estudante da UFJF, ele tem 22 anos.

5.2 PRODUÇÃO

Após a pré-produção ficou decidido que utilizaríamos as mesmas perguntas para todos os entrevistados, respeitando suas especificidades, para conseguirmos um resultado final no filme mais encorpado e para que conseguíssemos criar uma ordem cronológica no filme onde todos os personagens respondessem sobre questões que fizeram parte de sua vida até o momento e também questões sobre o que esperavam de seus futuros, além de na pós-produção ganhar em ritmo e fluidez. Durante as entrevistas iríamos fazer as perguntas estipuladas e deixar os entrevistados falarem a vontade para que não perdêssemos nada em conteúdo nem em confiança dos personagens.

Segue as perguntas que fizemos para os personagens:

1. O que é transsexualidade para você?
2. Como se deu seu período de descoberta da sua sexualidade?
3. Como se deu seu processo de aceitação?
4. Como sua condição diz sobre você?
5. Quais são as influências da sua sexualidade na sua personalidade?
6. O que você gosta de fazer?
7. Como sua sexualidade influencia nas suas escolhas?
8. Como foi conviver com a transsexualidade na infância?
9. Como é sua relação com sua família?
10. Como sua família reagiu à sua condição?
11. Como é sua relação com seus amigos?
12. Como é sua relação com a sociedade?
13. Já aconteceu algum episódio em que você se sentiu pressionado ou sofreu por conta do social?
14. Como a sociedade tenta impor padrões para a população?
15. De que forma isso atinge as pessoas que não se encaixam nessas normas?
16. O que você acha que ainda precisa mudar para vivermos em uma sociedade de igualdade de gênero?
17. Quais são seus maiores desejos?
18. O que você espera do futuro?
19. Existem medos?
20. O que você desejaria pra você do futuro?

Os equipamentos que iríamos utilizar eram todos próprios e serão especificados no capítulo 4.2.2, como não tínhamos verba externa para fazer o documentário dependeríamos apenas de nossos próprios equipamentos para realização das filmagens. Para captação de áudio escolhemos utilizar um microfone de lapela, visto que iríamos ter como base do documentário o uso de entrevistas e esse tipo de microfone é excelente para esse uso.

5.2.1 ESCOLHA DOS LOCAIS DE GRAVAÇÃO

Ficou decidido que por não termos recursos para alugar ou comprar iluminação artificial e nem para alugarmos ou reservarmos o estúdio da FACOM, Faculdade de Comunicação de Juiz de Fora sempre que necessário, iríamos sempre gravar em ambientes externos as entrevistas. Isso acabou gerando certos problemas de iluminação no vídeo, porque qualquer nuvem que passasse em frente ao sol alterava a fotografia. Outro problema que tivemos em gravar em lugares abertos foi com relação as intempéries do tempo, em mais de uma filmagem começou a chover durante as entrevistas ocasionando perdas de tempo significativas. Em relação ao áudio, em algumas entrevistas ocorreu uma perda de qualidade devido ao lugar em que filmávamos ser aberto e ter trânsito de carros e caminhões, porém nada que atrapalhasse o entendimento da fala dos entrevistados.

A escolha do local para a gravação da abertura e das vinhetas foi o estúdio da FACOM, Faculdade de Comunicação de Juiz de Fora. Necessitávamos de um local onde pudéssemos trabalhar com jogo de luzes e que tivéssemos extremo silêncio e calma para trabalhar, porque precisaríamos de muita atenção e delicadeza para produzir as imagens que tínhamos em mente.

Figura 1 – Locação Parque Halfeld



Figura 2 Locação praça Presidente Antônio Carlos



Figura 3 - Locação UFJF



Figura 4 – LocaçãoUFJF



Figura 5 - Locação Casa Gustavo



5.2.2 EQUIPAMENTOS UTILIZADOS E PLANILHAS DE ORGANIZAÇÃO

Todos os equipamentos utilizados nas filmagens eram próprios e não dispusemos de nenhuma verba externa para a produção do filme. Foram utilizados nas filmagens um tripé, uma câmera Canon T3I com lente 18-55mm, uma câmera Canon 60D com lente 18-135mm, dois celulares da marca Samsung, um microfone de lapela e duas baterias extras para as câmeras. Foi escolhido o microfone de lapela por ele conseguir captar fielmente a voz do entrevistado e não sofrer muita interferência de ruídos externos. As câmeras foram escolhidas

por ser a que nós possuíamos e por ter uma boa qualidade para filmagens além de entrada para os microfones de lapela. Os dois celulares foram usados para imagens auxiliares, já que não dispúnhamos de mais câmeras, porém no corte final acabamos por não utilizá-las devido ao contraste de imagens com as câmeras principais.

Utilizamos um plano frontal e aberto dos entrevistados com a câmera principal e planos mais detalhados com a segunda câmera. Sempre tentamos em todas as entrevistas mostrar os personagens por inteiro para que o público os conhecesse também por inteiro.

As entrevistas foram todas gravadas em separado uma da outra, porém no filme acabamos por usar elas intercaladas para ganhar em dinamismo e para que o conteúdo não ficasse cansativo ao espectador, pois muitas histórias são complementares ou tem relação o que ajuda na construção da narrativa.

Foi criada uma planilha de equipamentos para nos prevenirmos de eventuais esquecimentos e outros tipos de imprevistos.

- 1 tripé;
- 2 câmeras Canon (60D e 1 T3i);
- 1 lente 18-55mm;
- 1 lente 18-135mm;
- 2 cartões de memória;
- 4 baterias carregadas;
- 2 carregadores de baterias;
- 1 microfone de lapela;
- 2 canetas;
- 2 roteiros de entrevistas impressos;
- 1 notebook (para *upload* do material e análise)

5.2.3 GRAVAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A primeira entrevista gravada foi com o personagem Gustavo, a entrevista foi gravada na casa do próprio personagem, no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Logo na primeira tentativa de gravação uma das câmeras que levávamos conosco parou de funcionar e tivemos que trabalhar apenas com uma câmera e os dois celulares. Outro

problema que ocorreu durante essa gravação foram as mudanças bruscas de iluminação, nada que afetasse de uma forma mais grave o produto final.

A segunda entrevista foi feita com a personagem Bruna, a entrevista foi marcado para os bosques da reitoria da UFJF e com dois minutos de filmagem começou a chover muito fazendo com que tivéssemos que parar de colher o depoimento. Depois de uns 40 minutos esperando a chuva passar e agradecendo a Bruna pela sua paciência conseguimos retomar a entrevista e tudo acabou certo.

A terceira entrevista foi com a personagem Lucy, o local escolhido foi o Parque Halfeld, nessa entrevista a questão do barulho do transito influenciou um pouco, mas nada que estragasse a qualidade do produto. A entrevista fluiu sem maiores problemas e após as filmagens fizemos uma time-lapse com ela desfilando pelo calçadão para aproveitarmos como imagens de corte no documentário.

A quarta entrevista foi com a personagem MC Xuxu, e aconteceu na praça Presidente Antônio Carlos. A entrevista transcorreu bem, porem tivemos problemas com o barulho dos carros e a quantidade de pessoas que transitavam pela praça no momento, felizmente não tivemos problemas maiores com a gravação. Durante a entrevista começou a cair uma chuva fina, mas decidimos continuar visto que faltavam poucas perguntas e a chuva até então não representava risco para os equipamentos.

A quinta e última entrevista foi com o personagem Juber, como o local escolhido para fazer a gravação era coberto, não tivemos problemas com chuva. Nessa entrevista a variação da luz nos incomodou um pouco, mas conseguimos ir corrigindo configurando a câmera. Como era a última entrevista já estávamos mais experientes e as coisas fluíram normalmente.

Com todo o material gravado, começamos o processo de pós-produção.

5.3 PÓS-PRODUÇÃO

Na pós-produção juntamos todo o material e começamos a revisá-lo, após isso começamos a limpá-lo, retirando as partes mais importantes de cada entrevista. Em seguida começamos a de fato montar o documentário, unindo os pedaços de cada entrevista em temas específicos e tentando criar uma identidade e um ritmo próprio para o documentário, sem que esse ficasse chato nem monótono.

Tivemos um problema grave durante a edição que nos custou seis horas de trabalho, o computador por algum motivo desconhecido deu um erro e perdemos todo o material que já tínhamos editado. Tivemos que recuperar esse tempo no dia seguinte e continuamos nosso trabalho.

Uma facilidade que tivemos na edição foi o fato das respostas dos personagens estarem em sintonia em diversos momentos, nos ajudando a dar o ritmo e a identidade que pretendíamos. Como nosso intuito era ir intercalando fragmentos das entrevistas esse fato nos ajudou para conseguirmos isso.

Um dos problemas mais sérios que tivemos durante a edição foi o de ter que cortar partes importantes de algumas entrevistas porque não tínhamos mais espaço para colocá-las no filme. Muita coisa boa acabou não sendo utilizada no corte final, mas chegamos à conclusão de que um dia no futuro voltaremos a olhar esse material e vamos dar um novo fim a ele.

Para a abertura escolhemos utilizar o preto e branco porque queremos que os espectadores focassem sua atenção totalmente ao corpo que está na tela. O corpo está representando uma obra de arte e é necessária total atenção nele.

Nas vinhetas retiramos a cor e demos destaque as tintas que eram passadas no bailarino por representarem a passagem de cada tema. As cores das tintas representam as marcas que cada pessoa tem em seu corpo durante sua vida e no final elas representam as experiências familiares, sociais que os personagens vão levar para todo o resto da vida.

Em relação a correção de cor, como as entrevistas foram feitas em ambientes externos, para realçar os mesmos tivemos que corrigir principalmente o balanço de brilho e de contraste e o balanço dos tons de verde, visto que muitas das entrevistas foram feitas em áreas arborizadas. Nos tons de vermelho trabalhamos para deixar os personagens com um aspecto mais saudável no vídeo.

Na correção de áudio, o único problema que tivemos foi em relação a entrevista do personagem Gustavo. Como usamos um microfone de lapela diferente do que utilizamos nas outras entrevistas ocorreu uma pequena variação na altura do áudio que foi corrigida e padronizada com as outras.

6 CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi desenvolvido com a finalidade de explorar parte das diferentes identidades de gênero presentes na sociedade atual. Bem como mostrar para os espectadores pessoas reais que se identificam com esses gêneros. O trabalho buscou ter um cunho educativo, para que, através do conhecimento, possamos conviver de forma mais igualitária.

Tivemos em inúmeros momentos da produção do documentário, dificuldades para realizá-lo. Nossa principal preocupação era a forma de transmitir a proposta do trabalho, com a pretensão de educar e sensibilizar o público, além de criar um linguagem que conseguisse chegar a um maior número de pessoas possíveis.

As pesquisas para o conteúdo teórico e o contato com os personagens nos permitiu adquirir um conhecimento e crescimento pessoal em relação ao assunto. Mesmo já possuindo afinidade com o tema, em cada nova entrevista vivenciávamos as dificuldades dos nossos personagens em de viver em uma sociedade limitante. Creio que o maior aprendizado foi perceber que ao lutarmos pelo o que acreditamos as mudanças podem acontecer.

Nossa maior conquista, na realização deste documentário, foi o de conseguir utilizar o campo da comunicação para propagar as ideias que acreditamos serem fundamentais para a nossa sociedade atual, a tolerância e o respeito das diferenças. Dessa forma, utilizamos as técnicas práticas e teóricas que adquirimos ao longo da graduação para transmitir uma mensagem de igualdade de gênero, na tentativa de contribuir para uma vivência mais igualitária, permissiva e inclusiva.

7 REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Míriam. **Paradoxos da identidade**. Apolítica de orientação sexual no século XX. Curitiba: Sciflo Brasil, 2000.
- BASSIT, William. SONENREICH, Carolina. **O sexo da diversidade**. São Paulo: Manole, 1980.
- BENJAMIN,
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASIL. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil**. 2012.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pensam: Sobre os limites discursivos do sexo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001
- CLUBE7. **O segredo dos lírios**. São Leopoldo, 2011. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=t4vW_I-G9c0>. Acesso em 25 mar. 2015.
- COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à psicanálise**. (1916-1917). São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- FREY, Peter. MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- GARBER, M. **Vice-versa: bissexualidade e o erotismo na vida cotidiana**. Rio de Janeiro : Record, 1997.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientação sobre identidade de gênero: conceitos e termos: Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**. Brasília. 2012.
- JUSBRASIL. **Estimativa aponta que número de brasileiros homossexuais já chega a 17,9 milhões**. Disponível em: <http://espaco-vital.jusbrasil.com.br/noticias/145829/estimativa-aponta-que-numero-de-brasileiros-homossexuais-ja-chega-a-17-9-milhoes>. Acesso em 3 abr. 2015.
- KINSEY, A. **Sexual Behavior in the human female**. New York: Pocket Books, 1965.

KULICK, Don. **Travesti**, prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

KUNSCH, Margarida (coord). **Os grupos de mídia no brasil e as mediações da assessorias de comunicação, relações públicas e imprensa**. Relatório técnico-científico de projeto integrado de pesquisa. São Paulo : CRP/ECA/USP, 1999.

LUMIKA. **Leve-me para sair**. São Paulo: 2011. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7U3xUZdU3Us>>. Acesso em 7 abr. 2015.

MASCARELLO, F. (Org.). **História do cinema mundial**. Campinas: Papyrus, 2006.

MONEY, John. **Hermaphroditism**, gender and precocity in hyper adrenocorticism: Psychologic findings. EUA: The John Hopkins University school of medicine, Baltimore, 1955.

NERY, João. Disponível em: <http://erosdita.ne10.uol.com.br/2014/10/transexualidade-historia-de-joao-w-nery/> Acesso dia 27 de janeiro de 2016

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

ORAISON, Marc. **La question homossexuelle**. Paris: Seuil, 1975.

PENAFRIA, Manuela .**O Documentarismo do Cinema**. 2003 - Disponível em: < http://bocc.unisinos.br/pag/penafria_manuela_documentarismo_cinema.pdf> Acessado em 15 jan. 2016.

PENAFRIA, Manuela. **O plano-seqüência é a utopia**. O paradigma do Filme-Zapruder. In: LEMOS, André et al (org.). Livro do XII Compós: Mídia.BR. Porto Alegre: Sulina, 2004.

PRECIADO, Beatriz. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-arquivadas/33425> Acesso em 19 de janeiro de 2016

PRECIADO, Beatriz. **Testo yonqui**. Madrid: Espasa, 2008.

SCHVARZMAN, Sheila. **Humberto Mauro e as imagens do Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2004

SELL, Teresa Adada. **Identidade homossexual e normas sociais**. Florianópolis: UFSC, 1987.

STOLLER, Robert J. **A experiência transexual**. Rio de Janeiro: Imago, 1982

WYLLYS, Jean. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1059446.pdf> Acesso em 27 de janeiro de 2016